

## Era assim o presidente HARRY TRUMAN

MUITO pouca gente sabe disso...

HARRY TRUMAN foi um tipo diferente como presidente.

Provavelmente tomou tantas ou mais decisões em relação à história dos EUA como as que tomaram juntos os 42 presidentes que o precederam.

Uma medida da sua grandeza talvez permaneça para sempre: trata-se do que ele fez DEPOIS de deixar a Casa Branca.

A única propriedade que tinha quando faleceu era uma casa, onde morava, que se encontrava na localidade de Independence, Missouri. A sua esposa havia-a herdado de seus pais e, fora os anos em que moraram na Casa Branca, foi onde viveram durante toda a vida.



Quando se retirou da vida oficial, em 1952, todas as suas receitas consistiam numa pensão do Exército de U\$13.507 anuais.

Quando o Congresso soube que ele custeava os seus próprios selos de correio, outorgou-lhe um complemento e, mais tarde, uma pensão retroactiva de \$ 25.000 anuais.

Depois da posse do presidente Eisenhower, Truman e sua esposa voltaram a seu lar no Missouri, dirigindo seu próprio carro... sem nenhum acompanhamento do Serviço Secreto.

Quando lhe ofereciam postos corporativos com grandes salários, rejeitava-os, dizendo:

*“Vocês não querem a mim, o que querem é a figura do Presidente, e essa não me pertence. Pertence ao povo norte-americano e não está a venda...”*

Ainda depois, quando em 6 de Maio de 1971, o Congresso estava se preparando para lhe outorgar a Medalha de Honra em seu 87º aniversário, recusou-se a aceitá-la, escrevendo-lhes:

*“Não considero que tenha feito nada para merecer esse reconhecimento, venha ele do Congresso ou de qualquer outra parte”.*

Enquanto Presidente, pagou todos seus gastos de viagens e de comida com seu próprio dinheiro, quando não estava em função oficial.

*Este homem singular escreveu:*

*“As minhas vocações na vida sempre foram ser pianista numa casa de putas ou ser político. E para falar a verdade, não existe grande diferença entre as duas!”.*

## F-35 : l'avion de chasse de l'armée américaine incapable de viser



Net

*Un mauvais positionnement de l'arme et des fissures sur le boîtier auraient contraint l'armée de l'air à limiter son usage, explique Bloomberg.*

*Par LePoint.fr*

C'est un détail pour le moins embarrassant. D'après la dernière évaluation du Pentagone, révélée par Bloomberg, l'avion de chasse F-35 de l'armée américaine ne serait pas en capacité de viser correctement ses cibles. Un raté qui vient s'ajouter aux 428 milliards de dollars qu'a déjà coûtés ce programme militaire. Les performances du canon installé sur la version la plus courante du F-35 ont en effet été jugées « *inacceptables* » par les auteurs du rapport.

Le modèle de l'US Air Force pose problème. L'arme est montée à l'intérieur de l'avion et les tests ont révélé qu'elle était mal alignée. Autre souci à prendre en compte : le boîtier du canon fabriqué par Lockheed Martin se fissure avec le temps. L'armée de l'air américaine a par conséquent limité son usage. Le programme F-35 devrait dépasser les 1 000 milliards de dollars à la fin de sa vie à cause de multiples modifications de logiciels et de finitions. De quoi irriter au plus haut point les autorités américaines et le président Donald Trump.

Au total, pas moins de 873 défauts logiciels ont été détectés. Un chiffre en légère baisse par rapport à 2018, où 917 anomalies avaient été mises au jour. Des failles de cybersécurité qui avaient été révélées dans un précédent rapport n'ont également toujours pas été résolues. L'US Air Force continue néanmoins de défendre son avion et assure qu'il est le plus à même d'accomplir n'importe quelle mission.

Malgré ces alertes, le carnet de commandes du F-35 ne désemplit pas. Rien que pour les États-Unis, le Pentagone en a ajouté 11 en 2016 et 2017 à sa liste, 20 en 2018, 15 en 2019 et de nouveau 20 pour 2020. À l'étranger, le modèle phare de l'armée de l'air américaine séduit toujours autant. Le Japon est le plus gros acheteur, suivi de près par l'Australie et le Royaume-Uni. La Pologne et Singapour ont récemment rejoint le club. D'ici à septembre, 490 F-35 déjà livrés nécessiteront des travaux de modernisation pour assurer leur bon fonctionnement.

Ver na página 3 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal do Corpo de Instrução do Curso 127 que foram constituídos arguidos. A vossa ajuda é necessária e bastante apreciada. Colaborem.

Visitez



Le Portugal

## Ainda o Património

O património cultural, artístico, territorial ou outro é, sem deixar dúvidas a ninguém, algo demasiado importante para ser deixado ao Deus dará. E todo cidadão tem o direito e responsabilidade de pedir a sua restituição quando houverem razões de terem sido obtidos por fraude ou violência de guerra imposta, como foram os casos dos saques efectuados a Portugal durante as invasões francesas, que só não foram maiores porque os Portugueses, a começar pelos páracos das Freguesias, esconderam certos valores consagrados — como a Relíquia de Belém — na altura da entrada em Portugal das forças napoleónicas. Que roubaram, mataram, torturaram as populações, perseguindo-as quando se escondiam e procuravam auxílio. Este, apenas um exemplo.

Durante o período da “*tutela*” inglesa do General Beresford, muitas obras valiosas — como antigas cartas de marear dos navegadores portugueses — foram extraídas do país e transportadas para Londres, onde hoje se encontram em exposição nos museus, sem vergonha dos responsáveis britânicos.

Em Espanha, temos também muitas peças roubadas durante o período de ocupação Filipina, a Quarta Dinastia de má memória. Os espanhóis, que sempre sonharam ocupar a Península inteira, procuraram reduzir a nossa memória, com o auxílio de alguns traidores que respirando, sujavam o ar que os cidadãos honestos e patriotas necessitavam para viver.

Mais tarde, voltando ao tempo de Napoleão, no início das invasões, depois de Napoleão ter traçado no papel os objectivos para dividir Portugal em 3 zonas diferentes a distribuir pelos aliados, a Espanha, que se aliou ao Imperador Francês, aproveitou a ocasião em 1801 para nos roubar Olivença, pequena cidade da raia onde ainda hoje os seus habitantes mantêm, creio, o ensino da Língua Portuguesa.

Ultrapassando o decidido na Conferência de Viena, em 1815, os espanhóis, tendo aí reconhecido que Olivença era pertença Portuguesa, prometeram restituí-la a Portugal, sem nada terem feito depois nesse sentido. 205 anos!

A Diplomacia dos dois países — alegres convivas das reuniões da alta sociedade galega-portuguesa, nunca exigiram à Espanha respeitar a resolução da Conferência e os habitantes de Olivença não sabem, verdadeiramente, qual é a sua nacionalidade. São cerca de 12 mil cidadãos cuja maioria nasceu já sob a bandeira espanhola.

Porém, caso curioso, entre os muitos que se levantaram — e não só todos os palhaços da AR, de todos os partidos confundidos — nas opiniões publicadas, e são muitas, pela complacência e cumplicidade dos periódicos nacionais, ainda nenhum se pronunciou sobre a restituição de Olivença. A isto pode dizer-se que é uma Vergonha! Esta imensa falta de dignidade.

Ora, quando gente como a deputada do Livre (caso de dizer que *Deus me livre...*) procura por todos os modos ser “*estrela*” no seu pequeno mundo, elevando-se contra o “*racismo*”, a “*escravatura*” e exigindo a devolução do dito património africano aos países das suas origens, ela fala “*através*” do seu chapéu já que, se algumas dessas peças fosse restituída, ninguém pode garantir que lhe dessem o lugar que possa merecer. Para além de, nessa época, nada haver onde guardar quaisquer peças da dita Arte Africana. Na página 7 deste número, um texto de opinião bem estruturado da autoria de Gustavo B. Nascimento é claro, dando dados históricos esclarecedores, desiludindo qualquer ousadia de querer falsificar a História da Memória Colectiva de um Povo.

Não esquecer — e a deputada que diz ter nascido para estar na AR, deve ou devia saber — que os militares portugueses que passaram pelos territórios ultramarinos, adquiriram muitas peças de arte africana, executadas por artesãos, como recordações, pagando o preço de venda ao público. Portanto, creio, que a fazer-se qualquer devolução, será logicamente a deputada guineense, porque se trata duma emigrante não desejada e ser declaradamente anti-portuguesa. Pelo que me associo, realçando o desassombro, a pertinência e a justeza do Dr. André Ventura, aos comentários por ele feitos sobre mais esta polémica tão do agrado dos dirigentes governamentais, pois enquanto se perde tempo com este tipo de novela trágica-comédia ao sabor do despeito e frustração da personagem, o Zé Povo esquece os verdadeiros problemas que afectam o país.

Raul Mesquita

## Dia Internacional do Rádio

Hoje, dia 13 de Fevereiro, comemora-se o Dia Internacional do Rádio. Coube à ONU, Organização das Nações Unidas anunciar publicamente ao mundo em 2011, a data que homenageia este veículo de comunicação tão importante. Em 13 de Fevereiro de 1946 era inaugurada a Rádio das Nações Unidas, e o dia 13 foi então proclamado como o Dia Mundial do Rádio.

Apesar de vivermos num mundo digital, o rádio continua sendo uma ferramenta de alcance ilimitado. Chega a milhões de pessoas, em tempo real, levando informações dos mais diversos e controversos assuntos. As mensagens chamam a atenção para acontecimentos que possibilitam aos ouvintes, externar as suas opiniões, seja num grupo de amigos ou mesmo directamente com o programa que está sendo levado ao ar naquele momento. Esta interação com a emissora coloca os radiouvintes em perfeita sintonia com a o apresentador e permite que as pessoas possam emitir as suas opiniões ou mesmo sugerir uma pauta. É esta empatia que faz a diferença no rádio.

Muito se tem falado que o rádio está acabando, mas se observarmos bem, esta tese cai por terra. A tecnologia não consegue chegar aonde chega o rádio. Ele está presente nos bares, no carro, nas caminhadas, na cozinha, na sala e até no banheiro. O rádio faz companhia a muitas pessoas informando hora, previsão do tempo, dicas sobre o trânsito. Ele nos acompanha em todos os lugares.

Historicamente, o rádio é o maior celeiro daquelas pessoas que hoje estão na televisão fazendo sucesso. Os primeiros ensinamentos de comunicação de tais pessoas, sem dúvida vieram do rádio. É o trampolim para um apresentador galgar um programa de TV.

Por outro lado, o radialista deve manter uma postura de imparcialidade nos acontecimentos que descreve evitando tomar partido. A ética deve ser exercida com base nos bons princípios e com amor a profissão, zelo, dedicação e carinho ao público ouvinte.

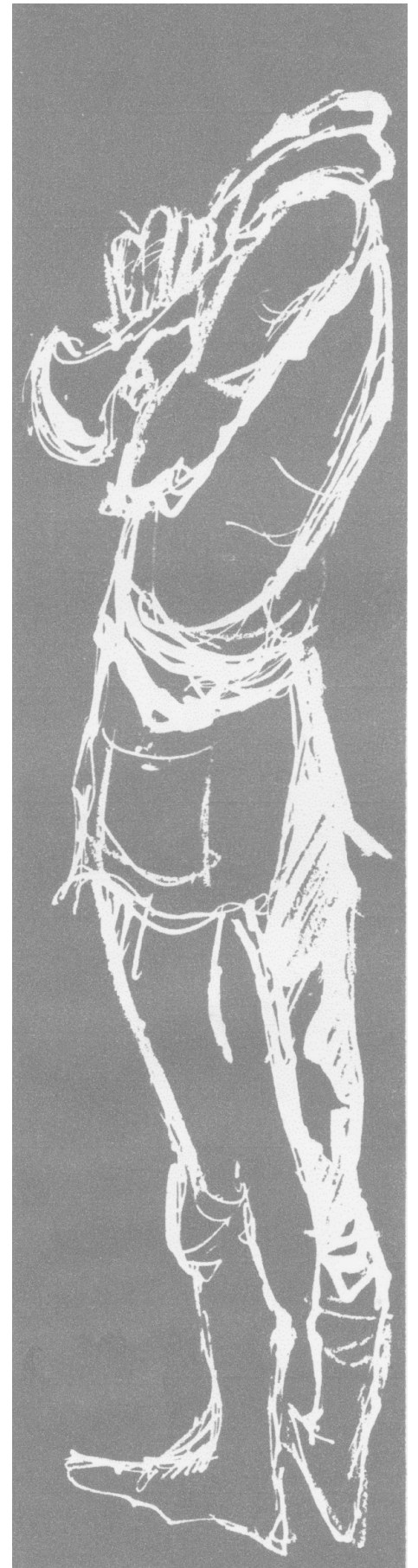
O rádio consegue chegar a camadas de povos mais carentes por ser uma mídia de acesso popular e de custo baixo, sem impedir ou excluir qualquer que seja seu ouvinte, e com isso, torna-se uma mídia democrática que todos tem direito de usufruir.

Os nossos cumprimentos pelo Dia do Rádio a todos radialistas.

João Aparecido da Luz - Advogado, escritor, cronista de viagens



João Aparecido da Luz





CONTA SOLIDÁRIA DE APOIO AOS COMANDOS DO CORPO DE  
INSTRUÇÃO DO CURSO 127  
QUE FORAM CONSTITUÍDOS ARGUIDOS

**NIB:0033-0000-45536014942-05**

Desde os infaustos acidentes ocorridos durante a instrução do 127º Curso de Comandos que a pretexto do então ocorrido - que todos lamentamos profundamente e sobre os quais já publicamente nos manifestámos - os Comandos têm vindo a ser alvo da mais sórdida campanha para denegrir a sua imagem e competência, pretendendo-se assim atingir a sua coesão e os Valores em que acreditam, servem e defendem.

E com eles, como objectivo último, a Instituição Militar em que se integram.

19 Comandos foram entretanto constituídos arguidos num processo que em breve iniciará a fase de julgamento.

É do conhecimento de todos que a situação destes militares tem sido votada a um total alheamento e indiferença pela Instituição em que se integram, que nunca lhes manifestou qualquer solidariedade institucional nem preocupação pelos constantes atentados à sua dignidade, idoneidade e bom nome, não lhes permitindo, inclusive, participar em missões internacionais, não os promovendo e nem sequer lhes dando apoio judiciário.

Em consequência, estes militares vêm-se na necessidade de arcar com custas judiciais e honorários dos seus representantes de defesa, não tendo, face aos vencimentos que auferem, condições sócio-económicas compatíveis com tais encargos, sendo necessário o recorrente recurso a colectas de camaradas e à representação por defensores que advogam a título gracioso, situação que, a curto prazo, se tornará, por certo, insustentável.

É de elementar justiça deixar aqui um muito sentido agradecimento aos advogados e sociedades de advogados que de forma pro bono têm vindo a apoiar alguns dos nossos camaradas, assim como às Instituições sócio-profissionais que de forma tão empenhada lhes têm também prestado a sua solidariedade e apoio.

Mas não é suficiente - por isso, a Associação de Comandos abre uma Conta Solidária apelando aos Comandos e aos Homens de Boa Vontade para que nela depositem, sempre que possível, a sua ajuda para se poder acudir aos avultados custos de um processo como este.

Contamos com o apoio de cada um de vós!

A Associação de Comandos agradece-vos.

**NIB:0033-0000-45536014942-05**

MAMA SUMÉ

O Presidente da Direcção Nacional  
José Lobo do Amaral

## Os 11 mais poderosos deuses do Egito Antigo

A religião egípcia é muito antiga. Acredita-se que tenha as suas origens por volta de 4000 A.C, até que desapareceu por volta do 1o. século da Era Comum. Apesar de ter passado tanto tempo, o povo egípcio deixou muitos registos difíceis de serem destruídos, pois são esculpido em pedra. Demorou muitos anos para que eles pudessem ser decifrados, mas quando foram, eles nos mostraram histórias de uma mitologia complexa (assim como registros de outras nações) e de divindades que são tão versáteis e incríveis quanto os deuses gregos e nórdicos, e um pouco mais bizarras e menos humanas do que as descrições.

Para entender o panteão egípcio, é preciso entender que ele não era algo imutável. Durante os milhares de anos de dinastias e cultura egípcias, os deuses mudaram. Alguns foram esquecidos, outros acrescentados, outros combinados com outros deuses para criar novas divindades. As responsabilidades dos deuses foram compartilhadas entre eles; portanto, existem vários “deuses criadores”, vários deuses da morte, vários deuses do Nilo e assim por diante.

Neste artigo, você aprenderá sobre 11 dos deuses e deusas mais poderosos, duradouros e populares do Egito Antigo, sua aparência, responsabilidades e algumas informações fascinantes sobre eles que você provavelmente nunca ouviu falar. Aprecie estas fascinantes histórias das principais divindades cultuadas pelos antigos egípcios.



*Rá era o deus mais poderoso e importante do panteão egípcio. Ele era o rei dos deuses. Você pode pensar nele como o Zeus, Júpiter ou Odin dos egípcios.*

Rá tinha muitos nomes, como um deus antigo e poderoso teria. Às vezes, ele era Amun-Ra, ou Ra-Horakhty. Ele era o deus do sol, o símbolo mais poderoso da religião egípcia e, segundo a lenda, nascia todas as manhãs no leste com o sol, e também morria com ele no oeste, à noite. É claro que os deuses realmente não morrem, e assim à noite ele viajava pelas terras dos mortos. É por isso que o lado oeste do rio Nilo também era conhecido como a terra dos mortos. Rá aparecia sob várias formas. A representação mais comum dele é de um homem com a cabeça de um falcão, com o disco do sol sempre pairando sobre ele. Às vezes, porém, ele era retratado como um homem ou um escaravelho (um insecto sagrado na religião egípcia). Ele tinha amigos entre outros deuses, como Osíris, que habitava as terras dos mortos, e inimigos, como Ísis e Set, contra quem às vezes, lutava mas de quem, às vezes, estava a favor. Coisas de deuses. Segredinho: Rá tinha um nome secreto, do qual ele extraía todo seu poder. Todos os deuses queriam aprender esse nome e roubar o seu poder, e, para isso, tentavam tornar-se seus amigos, mas ele nunca dizia o nome. Um dia, Ísis, querendo que seu marido Osíris fosse o rei dos deuses e não Rá, conjurou uma cobra mágica que picou Rá na perna. A mordida mágica foi tão dolorosa que Rá jogou a toalha e falou o nome a Ísis. Então, ela banuiu Rá para um reino espiritual.



*Ísis Egyptian gods*

Ísis era irmã e esposa de Osíris, e eles tiveram um filho chamado Hórus. Como deusa da vida e da magia, Ísis protegia as mulheres e crianças e curava os doentes. Intimamente ligada ao trono, ela era uma das maiores deusas do Egito Antigo.

Seus símbolos eram o ankh, as asas e a coroa do trono.

Talvez a deusa mais importante de toda a mitologia egípcia, Ísis assumiu, durante o curso da história egípcia, os atributos e funções de praticamente todas as outras deusas importantes da terra. Suas funções principais, no entanto, eram as da maternidade, devoção conjugal, curar os doentes e trabalhar com feitiços e encantamentos.

Acreditava-se que ela era a maga mais poderosa do Universo, devido ao facto de ter aprendido o nome secreto de Rá com o próprio deus. Além de irmã e esposa de Osíris, era irmã de Set e irmã gêmea de Néftis. Ela era a mãe de Hórus, o Menino (Harpócrates) e era a deusa protectora do filho de Hórus, Amset, protector do fígado dos mortos.

Ísis tinha grandes poderes de cura, protecção e magia. Além de poder até lançar feitiços em Rá, outro exemplo de seus poderes foi quando Isis trouxe Osíris de volta à vida por uma noite.

Segredinho: Isis foi responsável por proteger Hórus de Set durante a sua infância; por ajudar Osíris a voltar à vida; e por ajudar o marido a governar na terra dos mortos.



*Osiris Egyptian gods*

Osíris era o deus da fertilidade, da agricultura, da vida após a morte, dos mortos, da ressurreição, da vida e da vegetação - um deus ocupado. Classicamente, ele é visto como um deus de pele verde que tem barba de faraó, está parcialmente embrulhado como uma múmia (pernas) e usando a atef, a coroa simbólica, segurando um cajado e um chicote simbólicos.

Osíris era o governante dos mortos e o primeiro deus-rei da Terra. Ele também é o deus da lua.

Osíris foi assassinado por seu irmão Set (os deuses tinham seus próprios problemas, ao que parece) porque ele queria ser o faraó no lugar de Osíris. Segundo a lenda, Osíris foi atraído para uma caixa por Set, que nela despejou chumbo derretido, assim prendendo Osíris. Ele então cortou Osíris em pequenos pedaços. Certo de que Osíris estava morto e acabado, ele foi embora.

No entanto, bem está o que bem acaba, porque sua esposa, Isis, encontrou todos pedaços do corpo de Osíris e as envolveu em linho (como uma múmia) para mantê-lo inteiro. Algum tempo depois, ela trouxe Osíris de volta à vida. Quando Hórus, seu filho, tinha idade suficiente, ele lutou e derrotou Set e se tornou o faraó.

Segredinho: Como Osíris foi enfaixado para manter-se inteiro, ele também está associado ao acto de mumificação, e pode ser que tenha sido a origem dessa técnica (de acordo com a religião egípcia).



*Anúbis Egyptian gods*

Anúbis é um dos deuses mais representados na cultura moderna, talvez porque ele tenha a cabeça de um chacal, que é uma visão bastante assustadora, ou talvez porque ele seja o guardião dos portões das terras dos mortos e, como tal, um deus muito temido, mas “acessível”, porque todos, quando morrem, acabariam encontrando-o para serem julgados. Nesse aspecto, ele é um pouco como São Pedro, só que muito mais distante e estranho. Ele é conhecido como o deus da morte, a vida após a morte, a mumificação e os ritos funerários. Essas suas atribuições e responsabilidades, às vezes, eram tomadas por outros deuses. Por exemplo, Osíris substituiu Anúbis como deus dos mortos. Segundo a lenda, Anúbis pesaria o coração do falecido comparando-o com a ‘Pena da Verdade’. Se o coração estivesse “pesado com o mal”, pesaria mais que a pena. Se a pessoa fosse pura de coração, seria mais leve que a pena, sustentada pela bondade. Se você fosse mau, qual seria seu destino? Você seria comido pelo Ammit, também conhecido como ‘O Devorador’. Não parece uma ótima vida após a morte. Mas se você for puro de coração, Anúbis se afastará e abrirá a porta para o próximo reino da vida após a morte, onde você conhecerá Osíris. Segredinho: Os gregos e romanos desprezavam os deuses egípcios como bárbaros e chamavam Anúbis de “deus dos ladradores”, fazendo chacota de sua cabeça de animal. No entanto, eles lhe prestavam um relutante respeito e ele passou a ser identificado com o deus grego Hermes, criando um deus misto, chamado Hermanúbis.

Hathor é uma deusa e filha de Rá. Ela é a deusa das coisas bonitas e férteis, como música, dança, beleza, amor e fertilidade. É por isso que ela também é identificada com vacas, que dão leite e vida como uma mãe, assim como com a Via Láctea. Hathor pode aparecer como uma humana com a cabeça de uma vaca com chifres. Ela usava um colar pesado de miçangas chamado menat. Como animal, ela aparece novamente como uma vaca, com um ankh (um símbolo da vida eterna). Ela também tem outra forma animal, a de um leão feroz. Ela era conhecida também como ‘Senhora da Melodia’, ‘Dama das Virgens’ e ‘A Dourada’, entre outras denominações. Ela era uma deusa muito popular porque o humor do povo egípcio era de fato dependente dela. Quando ela estava fora,



*Hathor Egyptian gods*

o clima tornava-se amargo e azedo, e quando voltava, trazia com a sua risada, alegria e beleza.

Segredo: Pode-se pensar que aqui é uma deusa egípcia mais parecida com o modelo grego, mas Hathor tem um passado sombrio. Antes de ser a deusa das coisas bonitas, era uma deusa da destruição, também conhecida como Sekmet, que tinha tanta sede de sangue humano, que nem as ordens de Rá para parar de comer as pessoas, não eram suficientes para detê-la.

Então Rá, na sua esperteza, tingiu muitos barris de cerveja de vermelho e derramou-a por todo o Egito. Quando Sekmet viu, ela bebeu tudo, pensando que era sangue humano. Ela ficou bêbada e caiu num sono profundo. Quando ela acordou, não queria mais beber sangue humano (não se pode culpá-la, deve ter sido uma ressaca medonha) e se tornou Hathor. Talvez fosse para se arrepender pelos seus actos anteriores que ela escolheu tornar-se uma deusa das coisas boas.

5



*Hórus Egyptian gods*

Hórus é o filho do deus Osíris e da deusa Ísis. Ele geralmente é retratado com a cabeça de um falcão. Nos estágios iniciais da mitologia egípcia, havia muitos deuses falcões, mas com o tempo, Hórus passou a representar todos eles. Ele é considerado um deus bonito e aparece como um homem com cabeça de falcão, como na imagem acima, ou, na sua forma animal, como um falcão real.

Segredo: Algumas histórias também o descrevem como um crocodilo com a cabeça de um falcão, se você pode imaginar um animal tão bizarro! Hórus era um deus extremamente importante e o Olho de Hórus, também conhecido como

Wadjet ou Udjat, é um poderoso símbolo egípcio de protecção, bem-estar e comando real. Segundo a lenda, Hórus teve uma luta mortal com seu tio Set, irmão de Osiris. Ele perdeu o olho nessa luta, mas o olho não estava perdido. Em vez disso, o olho mágico assumiu uma busca por si mesmo. Quando os outros deuses tentaram chamar a atenção, o olho começou a chorar e suas lágrimas se tornaram no primeiro povo do Egito. É por isso que Hórus também é conhecido como o rei do Egito.



*Khepri Egyptian gods*

Khepri é um deus do sol. Embora Rá seja o principal deus do sol, acredita-se que Khepri seja uma reencarnação de Rá e, como tal, ele é o deus do renascimento. Ele é descrito geralmente como um homem com uma cabeça de escaravelho, um insecto visto como sagrado na religião egípcia e, quando o escaravelho empurra as suas pequenas bolas de estrume, Khepri era considerado como tendo movido a bola do sol na sua trilha, o céu.

Junto com o renascimento, Khepri também era o deus da criação, ressurreição e vida. O significado de seu nome é literalmente “*Aquele que passa a existir*”. A raiz da palavra ‘*Khepri*’ também significa “*criar*”.

**6** Segredo: A palavra para ‘transformar’ e ‘criar’ em egípcio significava também ‘*Escaravelho*’.

Comparado com os outros deuses nesta lista, Khepri não era tão adorado e estava associado a Rá. No entanto, os amuletos de escaravelho que eram populares como jóias pelos antigos egípcios representavam Khepri, então ele era um símbolo comum



*Khnum Egyptian gods*

Khnum é um dos deuses mais antigos do panteão egípcio. Ele foi descrito como um homem com cabeça de carneiro e, segundo a lenda, ele era a fonte original do rio Nilo, uma presença incrivelmente importante e poderosa na vida egípcia, uma vez que lhes dava todo o poder como nação.

Entre outras coisas, Khnum era um deus da água, fertilidade e um “deus oleiro”

da criação. Segundo a lenda, ele criou os primeiros filhos (não se sabe o que eles fizeram antes disso ...) com argila que ele tirou das margens do rio Nilo e colocou no ventre das mulheres.

Ele era um poderoso deus criador, e as histórias posteriores o descreveram como tendo criado os outros deuses ou os moldado. Ele também é conhecido como “Oleiro Divino” e, mais impressionante, o “Senhor das Coisas Criadas por Si Mesmo” (um pouco longo em um cartão de visita). As inundações do Nilo também foram colocadas aos pés de Khnum, e, portanto, os egípcios provavelmente oravam furiosamente a ele durante os dias chuvosos de inverno, pedindo-lhe que cedesse e moderasse sua fúria.

Segredo: as crianças egípcias costumavam invocá-lo como protector e o chamavam de Khnum-Khufwy, que significa ‘*Khnum é meu protector*’.



*Amon Egyptian gods*

Amon é outro deus antigo, entre os mais antigos, na verdade. Ele era um deus muito poderoso e era frequentemente combinado com o deus rei Rá para se tornar o deus supremo Amon-Rá, a mais poderosa de todas as encarnações de Rá. No final, no entanto, ele foi frequentemente combinado com o deus Hórus.

Muitos pesquisadores acreditam que o culto a Amon se tornou tão poderoso no Egito antigo que ameaçou o culto principal de Rá, o maior culto no Egito, e é por isso que esses dois deuses foram combinados como Amon-Rá, o criador do universo e o protector pessoal do faraó. Ele também era conhecido como o deus da guerra.

Pensa-se que Amon tenha criado a si mesmo e criado todo o resto, permanecendo separado do mundo. Nesse sentido, ele é o criador mais antigo, a divindade indivisível. Quando mostrado em forma humana, ele é representado sentado em um trono e usando um círculo simples, do qual saem duas plumas retas, talvez representando as penas da cauda de um pássaro. Como ele é um deus do vento, isso faz um certo sentido simbólico.

Segredo: Amon começou como um culto em Tebas, onde era conhecido como o deus pai, ao lado de Mut como a deusa mãe. Completando o trio da família estava o deus da lua Khonsu, seu filho.



*Sobek Egyptian gods*



## L'âge du feu? Pourquoi la planète brûle

Par JEAN-SIMON GAGNÉ  
Le Soleil

La planète brûle. En Australie, le feu a ravagé un territoire trois fois plus grand que la Belgique. Depuis 2017, des méga-feux ont frappé le Portugal, la Grèce, le Brésil, la Sibérie, la Californie et l'Ouest canadien. À chaque fois, on accuse le réchauffement climatique. Mais le climat n'explique pas tout. Le triomphe du feu, c'est souvent le produit de la bêtise humaine. Un combustible abondant, voire inépuisable.

Les images des méga-feux d'Australie ressemblent à un cauchemar. Ou à un film catastrophe. Il fait noir en plein jour. Des pompiers fuient un mur de feu de 60 mètres de hauteur, qui se déplace à la vitesse d'un cheval au galop. Des milliers de personnes sont cernées par les flammes, sur une plage. Des secouristes récupèrent les carcasses encore fumantes de koalas, au milieu des cendres. Une tornade de feu renverse un énorme camion de pompier, comme un fétu de paille.

Parfois, les brasiers de ce genre deviennent si intense qu'ils engendrent un micro-climat. Les immenses nuages de fumée produisent des orages secs, avec de nombreux éclairs. Comme lors d'éruptions volcaniques. Le 4 janvier, une tempête générée par le feu a balayé une station météo à Cabramurra, au sud de Sydney. Le vent soufflait à 130 km/h. Le mercure a grimpé à 70 degrés °C, soit la température idéale pour cuire un hamburger. (1)

L'air est devenu irrespirable dans plusieurs grandes villes australiennes. Les Internationaux de tennis de Melbourne ont été perturbés. La fumée se moque des frontières. Bientôt, elle a coloré en orange les glaciers de la Nouvelle-Zélande, distante de 600 kilomètres. Après quelques jours, elle voyageait jusqu'au Chili et en Argentine, à plus de 11 000 kilomètres de distance. (2) Toute proportion gardée, c'est comme si la fumée d'un feu brûlant à Québec se rendait à New Delhi, en Inde.

### Tous en zone rouge

Certains diront que l'Australie en a vu d'autres. En 1974-1975, des feux de brousse ont ravagé 15% du territoire. Plus près de nous, le 7 février 2009, le nord de Melbourne a été balayé par un gigantesque incendie, poussé par des vents de 100 km/h. Le désastre, surnommé le «samedi noir», a fait 173 victimes. (3) Sur ce continent aride, le feu est si omniprésent que certains rapaces ont appris à l'utiliser! Ils se servent de branches enflammées pour mettre le feu aux buissons où se cachent une proie! (4)



Un pompier combat les flammes qui sont en train d'engloutir une maison, à Bundanoon, dans l'état de la Nouvelle-Galles du Sud, en Australie, le 23 janvier 2020

Pourtant, tout au long de l'année 2019, un désastre d'une ampleur inédite se préparait. Le pays entrait dans sa troisième année de sécheresse. L'été 2018-2019 avait été le deuxième plus chaud jamais enregistré. (5) Plusieurs régions ressemblaient à des boîtes d'allumettes qui ne demandent qu'à brûler. La prochaine saison des feux s'annonçait plus longue et plus imprévisible que jamais.

En avril, un groupe de 23 anciens chefs des pompiers lance un cri d'alarme. (6) Le groupe supplie le premier ministre Scott Morrison de prendre des mesures extraordinaires. Il recommande notamment d'amener des avions-citerne de l'étranger. Un chef pompier cite un chiffre spectaculaire. «[Dans l'état de la Nouvelle-Galles du Sud] nous aurons sept grands avions citernes pour tout le territoire. Je reviens de la Californie. Ils en utilisent 30 pour lutter contre un seul feu.» (7)

Le pays semble très vulnérable. Les banlieues de plusieurs villes s'étendent dans des zones où le risque d'incendie est considéré comme «extrême». Autour de Sydney, au moins 200 000 maisons sont situées dans cette zone rouge. (8) Plusieurs provinces ont réduit les budgets consacrés à la prévention des feux. En région, la quasi totalité des 70 000 pompiers volontaires sont des bénévoles. (9)

On connaît la suite. Les feux de brousse ont commencé dès le mois de septembre. Le 18 décembre, avant même le début officiel de l'été (10), l'Australie connaît la journée la plus chaude de son histoire. Le mercure grimpe à 49,6 °C dans la banlieue de Sydney. Il atteint 50 °C dans la plaine aride de Nullarbor, au sud du pays.

Juste avant Noël, quand le premier ministre Scott Morrison revient en catastrophe de vacances familiales à Hawaï, il est déjà trop tard. Des centaines de feux ravagent le pays. Plusieurs pompiers ont trouvé la mort. Les dommages atteignent plusieurs dizaines de milliards \$. (11)

### L'âge du feu

Après l'Australie, à qui le tour? Depuis 2017, des méga-feux ont éclaté au Portugal, en Grèce, au Brésil, en Sibérie, en Californie et dans l'ouest du Canada. Les pessimistes parlent d'un «âge du feu». Pour eux, l'Australie constitue l'avant-goût d'un monde où le climat échappera à tout contrôle. L'été dernier, même l'Arctique a été touché par les pires feux de l'histoire. (12) Le pergélisol qui brûle? Est-ce plus ou moins improbable qu'une nuit de gel en enfer?

Pour l'instant, la plupart de spécialistes refusent de jouer les alarmistes. Mais les faits sont têtus. «La hausse des températures et les sécheresses prolongées concordent avec les prédictions du Groupe d'experts intergouvernemental d'experts sur le climat (Giec), explique Alison Munson, professeur au département des sciences du bois de l'Université Laval. Tout cela favorise le feu.» Un coup d'oeil sur la météo le confirme. Dans la région de Canberra, la capitale australienne, le nombre de jours où le risque d'incendie est «très élevé» ou «extrême» devrait passer de 17 à 33, d'ici 2050. (13)

«En Australie, certains suggèrent de s'inspirer des techniques utilisées par les aborigènes depuis des milliers d'années, continue Mme Munson. Durant les périodes plus humides, ces derniers utilisaient des petits feux pour débroussailler le territoire. Mais il faut être prudent. Ce n'est plus le même climat. Ce qui fonctionnait il y a 100 ans peut être dangereux aujourd'hui.»

C'est entendu. Chaque méga-feu possède sa propre histoire. Au Brésil, on utilise le feu pour défricher la terre, au risque qu'il échappe parfois à tout contrôle. (14) Au Portugal et en Grèce, c'est l'inverse. Le feu prend naissance dans des régions dépeuplées. Les champs et les pâturages à l'abandon se couvrent de broussaille. Les sous-bois se tapissent de branchages. Autant de combustibles qui permettent aux feux d'atteindre des intensités jamais vues.





*Une automobile et une embarcation parmi les cendres, après le passage du feu dévastateur, à Fort McMurray, en Alberta, le 1er juin 2016.*

Au Portugal, des feux exceptionnels ont tué 117 personnes, en 2017. La catastrophe a été aggravée par les plantations d'eucalyptus, un arbre extrêmement inflammable mais très prisé par l'industrie du papier. «Malgré les risques, les habitants [les] plantent parce qu'ils poussent très vite et qu'ils représentent une source de revenus non-négligeables...» (15)

Pour réduire les incendies, le pays a décidé de réduire les plantations d'eucalyptus et d'obliger les propriétaires à défricher un rayon de 50 mètres autour des habitations, sous peine d'amende. (16) On redonne aussi du galon à un pompier en voie de disparition: la chèvre. À travers le pays, une quarantaine de troupeaux sont désormais chargés de «nettoyer» les flancs de collines en mangeant la broussaille. Commentaire d'un pompier amusé: «Superman n'est pas venu, alors nous avons appelé super-chèvre. C'est un peu moins rapide». (17)

### California Dreamin'

En matière de méga-feu, la Californie occupe une place à part. D'un côté, l'État se présente comme un élève modèle en matière de lutte contre les changements climatiques. Dès 2045, toute son électricité devrait provenir de sources d'énergie renouvelables. (18) Mais d'un autre côté, il joue avec le feu. Sans jeu de mots.



*Un aperçu des conditions extrêmes qui prévalent près du feu qui menace une banlieue de San Diego, dans le sud de la Californie, le 22 octobre 2007.*

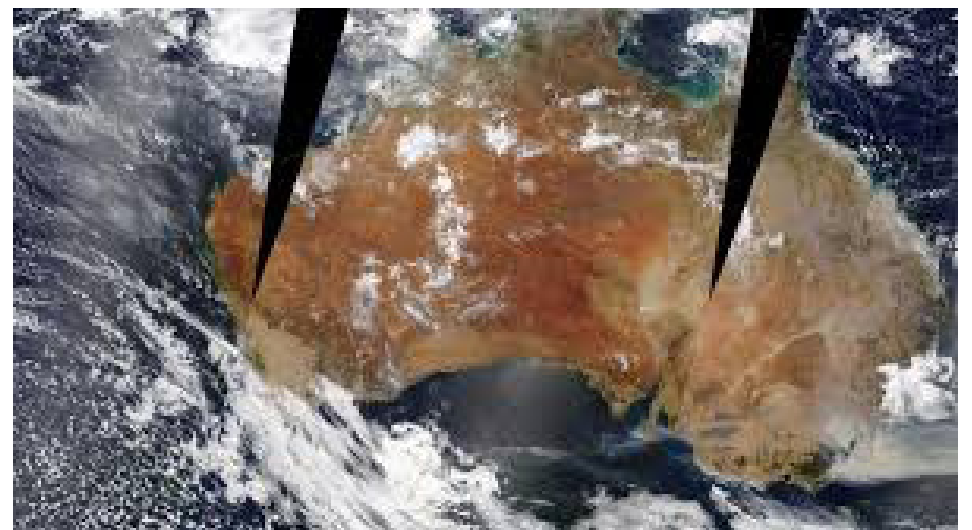
Aujourd'hui, plus de 15% des habitations de la Californie se retrouvent dans des zones jugées «à haut risque» ou à «risque extrême» d'incendie. Cela représente plus de deux millions de maisons. (19) Que voulez-vous? Les logements sont rares et chers. Il faut construire. Les villes n'en finissent plus de s'étendre.

Pendant ce temps, la chaleur augmente. De 2011 à 2017, la Californie a connu la plus grande sécheresse de son histoire. Plus de 130 millions d'arbres sont morts. Plusieurs scientifiques ont prévenu que ces carcasses desséchées vont produire des feux de forêt «d'un ampleur et d'une intensité jamais vues». (20)

Apparemment, tout cela n'inquiète pas trop la ville de Santa Rosa, dans la baie de San Francisco. En 1964, le feu «Hanley» avait détruit 108 maisons, sans faire de victimes. Cinquante-trois ans plus tard, en octobre 2017, le feu a ravagé le même endroit. Cette fois, le secteur était plus densément peuplé. Bilan: 2 000 maisons brûlées et 20 morts. (21)

Peu importe. À Santa Rosa, tout a été reconstruit, ou presque. Pour la deuxième fois. Non seulement les autorités n'ont pas exigé que les nouvelles constructions soient plus résistantes au feu, mais elles ont permis de contourner les règlements pour aller plus vite...

Et ça continue, comme si on s'acharnait à fournir plus de combustible aux feux à venir. Dans la vallée de Santa Clarita, une cinquantaine de kilomètres au nord de Los Angeles, on débute la construction du Newhall Ranch, un méga-projet immobilier qui comprend 21 000 bâtiments, incluant sept écoles publiques et un club de golf.



*Vue aérienne de l'important panache de fumé dégagé par un méga-feu qui ravage les collines près de Malibu, en Californie, le 24 novembre 2007.*

Croyez-le ou non, le projet est construit à l'endroit précis où un gigantesque feu de brousse a tout carbonisé, en décembre 2017! (21) Pour reprendre l'expression consacrée, ces gens ressemblent à l'optimiste qui entre dans un grand restaurant et qui compte sur la perle qu'il trouvera dans une huître pour payer l'addition...

### Retour en Australie

Non, le monde n'en a pas fini avec les méga-feux. À croire qu'il faudra apprendre à regarder la nature d'un autre œil. Au Canada, par exemple, une scientifique du service des forêts vient de prévenir que 60% des villages autochtones sont situés près d'une zone propice à un méga-feu de forêt... (22)

En Australie, il est trop tôt pour connaître les impacts durables de la catastrophe. En attendant, le débat tourne à la géguerre entre conservateurs et les écologistes. Les écolos rappellent que le pays est le plus grand exportateur de charbon de la planète. Au rythme où vont les choses, l'Australie atteindra ses objectifs de réduction des gaz à effet de serre vers... 2098. (23)

Le gouvernement conservateur et ses alliés ne sont pas en reste. Au début, ils ont même tenté d'attribuer les feux exceptionnels à des incendiaires. Des ministres reprochent aussi aux écologistes de s'être opposés au ramassage du bois mort dans les forêts, au nom de leurs rêves «pseudo-naturels». (24)

À travers le monde, les grands feux d'Australie sont déjà passés au second plan. La progression du coronavirus chinois prend toute la place. Même que si le feu pouvait parler, il emprunterait une citation de René Lévesque, prononcée dans un tout autre contexte:

#### Notes

- (1) «Never Seen Anything Like It»: The Australia Bush Fires Are Generating Vast Areas Of Violent Weather, The Washington Post, 6 janvier 2020.
- (2) Smoke From Australia's Fires Has Traveled 6,800 Miles Across the Ocean to Chile, Newsweek, 7 janvier 2020.
- (3) Horrific, But Not the Worst We've Suffered, The Sydney Morning Herald, 11 février 2009.
- (4) «What Australia Needs Is More Fires, But the Right Kind, Der Spiegel, 21 janvier 2020.
- (5) Australie: une sécheresse d'une intensité sans précédent, Libération, 17 janvier 2020.
- (6) Former Fire Chiefs Warn Australia Unprepared For Escalating Climate Threat, The Guardian, 9 avril 2019.
- (7) Former-Fire Chiefs «Tried to Warn Scott Morrison» to Bring in More Water-Bombers Ahead of Horror Bushfire Season, ABC News (Australian Broadcasting Corporation), 14 novembre 2019.
- (8) Leafy Suburbs Put 1 millions Homes at Risk From Fires and Embers, The Sydney Morning Herald, 19 janvier 2014.
- (9) Un désastre qui place l'Australie devant ses responsabilités, La Libre Belgique, 17 janvier 2020.
- (10) Dans l'hémisphère sud, le solstice d'été arrivait le 22 décembre 2019.
- (11) Climate Change or Poor Policy? As Australia's Wildfires See Some Relief, Blame Game Ascend, Fox News, 17 janvier 2020.
- (12) L'arctique en proie aux pires feux de forêt de tous les temps, Radio-Canada, 27 juillet 2019.
- (13) Le réchauffement accroît les risques d'incendies aussi en Europe, Le Soir, 20 janvier 2020.
- (14) Feux de forêt au Brésil: comprendre les causes humaines en six points, ici. radio-canada.ca, 24 août 2019.
- (15) Le Portugal brûle de chaud, Le Courrier Picard, 22 juillet 2019.
- (16) Pourquoi le Portugal est-il si vulnérable aux incendies? Le Vif. 24 juillet 2019
- (17) Contre les incendies, les chèvres «sapeurs» au secours des forêts portugaises, Agence France Presse, 11 octobre 2018.
- (18) California Approves Goal For 100% Carbon-Free Electricity by 2045, The Sacramento Bee, 10 septembre 2018.
- (19) The Increasing Risk of Wildlife and Insurance Implications, The Center for Insurance Policy and Research, mars 2018.
- (20) Has the Climate Crisis Made California Too Dangerous To Live In? The Guardian, 29 octobre 2019.
- (21) In Wild-Fire Prone B.C. and California, Urban Sprawl and Bad Planning Are Fuelling Future Infernos» What Can We Do? The Globe and Mail, 3 septembre 2018.
- (22) Despite Wildfires And Drought, California Keeps Building, The Wall Street Journal, 1er novembre 2019.
- (23) How Does a Nation Adapt to Its Own Murder? The New York Times, 25 janvier 2020.
- (24) Un désastre qui place l'Australie devant ses responsabilités, La Libre Belgique, 17 janvier 2020.

10

## La Lettre de Bruxelles – Comment Merkel contrôle les ambitions de Macron

La chancelière se méfie des ruades du président français. Mais elle tient l'europeïsme du président en serrant les cordons de la bourse. Un garrotage en règle.

Par Emmanuel Berretta

| *Le Point.fr*

Angela Merkel se méfie des ruades d'Emmanuel Macron. Mais elle tient l'europeïsme du président en serrant les cordons de la bourse.

Angela Merkel se méfie des ruades d'Emmanuel Macron. Mais elle tient l'europeïsme du président en serrant les cordons de la bourse.



© Julien Mattia / ANADOLU AGENCY / Anadolu Agency

En Europe, il y a la France qui propose, qui discoure, qui plaide et l'Allemagne qui compte, commerce et épargne. L'équation n'a guère varié avec le temps et Angela Merkel, qui a vu défilier Jacques Chirac, Nicolas Sarkozy, François Hollande et désormais Emmanuel Macron, n'est pas du genre à se laisser impressionner par la flamboyance française.

La discussion budgétaire européenne qui commence – avec un sommet exceptionnel convoqué le 20 février – lui donne une nouvelle fois l'occasion de tenir les rênes en même temps que les cordons de la bourse... La machine diplomatique allemande tourne à plein.



ELOGIO FÚNEBRE:

## GENERAL PILOTO AVIADOR JOSÉ LEMOS FERREIRA

*“O Homem é o Homem e a sua circunstância.”  
José Ortega Y Gasset*

Faleceu pelas 07:00 do dia 23 de Janeiro de 2020, no Hospital da Luz, o General QE (douradas) José Lemos Ferreira.

Assim se deu a conhecer em síntese impessoal e telegráfica o passamento de um grande Homem e militar português e profissional como poucos.

Conheci pessoalmente o General Lemos Ferreira (Portalegre, 23-06-1929, Setúbal, 23-01-2020) já ele era Chefe de Estado – Maior da Força Aérea (CEMFA) – cargo que exerceu com brilho durante sete anos (Janeiro de 1977 a Março de 1984) e eu um jovem tenente em início de carreira.

Estávamos em Novembro de 1979 e o então comandante da Base Aérea 1, em Sintra, onde estava colocado, chamou-me ao gabinete e informou-me de que me deveria apresentar no Estado- Maior em Alfragide, no dia seguinte, pois o CEMFA queria falar comigo.

Intrigado com as razões de tão inusitada ordem, lá marchei para o encontro – onde fui recebido pelo saudoso Coronel Manuel Vinhas, grande amigo do general e seu para sempre “chefe de gabinete” - onde vim a saber que a razão que espoletara a iniciativa tinha sido a leitura de um artigo (por sinal o primeiro) que eu tinha enviado para publicação na revista “Mais Alto”, órgão oficial da Força Aérea (FA).

A entrevista durou uma hora e quarenta minutos e lembro-me de ter conseguido formular uma questão apenas ao fim de 40’...

O CEMFA falou de tudo um pouco do que estava a acontecer na FA e nos planos que a chefia tinha para a mesma com grande entusiasmo e convicção. Nunca pediu nada, insinuou ou deu qualquer orientação; não era porém, necessário pois entendi perfeitamente todas as mensagens que estavam subjacentes.

A ideia com que fiquei quando saí do gabinete foi a de que a dinâmica em que a FA estava a ser posta era “movidada a jacto” com imensos programas e acções em simultâneo, e que ele, Lemos Ferreira, tudo via, tudo impulsionava, desde os grandes projectos até às minudências, pois não é que até tinha lido um artigo de opinião de um simples subalterno?

Felizmente não me enganei, já que a conversa não se destinava apenas a impressionar um jovem oficial (ou outros), de modo a que ele pudesse, ao seu nível, passar mensagens que fossem apenas mistificações tão ao jeito dos políticos. Corresponhia a coisas concretas e a um raro comportamento humano em que o que se pensa é o que se diz e o que se diz é o que se faz.

Até ao fim da vida do General Lemos Ferreira nunca dei conta que procedesse de outro modo.

Não vou pois, elaborar sobre as funções, cargos ou veneras, etc., que teve; qualquer nota biográfica que se consulte traz isso. Tão pouco traçar uma biografia, pois isso exige um livro, que espero venha a ser escrito um dia.

Tão - somente pretendo alinhar alguns traços do Homem e da sua obra que me parecem relevantes para o momento.

Que foi piloto de dotes virtuosos e competente ninguém duvida; que acumulou vasta experiência aeronáutica tanto em horas voadas em diferentes tipos de aeronaves e de missões e funções de comando em voo e em terra, também ninguém duvida e tudo está bem documentado.

E quanto ao seu saber (alargado) conhecimento dos homens e capacidade de comando e liderança também, creio, não haver controvérsia. Mesmo em pessoas que não o tinham em grande estima.

Tinha visão Estratégica e vastos conhecimentos de Geopolítica.

Num percurso que atravessou épocas de paz, de crise e de guerra.

Não se lhe conhecem vícios – a que a natureza humana é tão atreita – nem qualquer conduta moral repreensível. Pelo menos eu não conheço e não me estou a reger pelo maléfico relativismo moral que passou a impregnar a sociedade portuguesa como uma mancha de óleo.

Tinha uma capacidade de trabalho invulgar, falava directo e direito, não enviando recados por ninguém.

O General Lemos Ferreira foi um militar corajoso e defendeu sempre as suas convicções, a Força Aérea e a Pátria. Na guerra não virou a cara nem desertou do combate.

Como CEMFA e, mais tarde, como Chefe do Estado-Maior General – função que exerceu durante cinco anos (Março de 1984 a Março de 1989) e lhe outorgou as tais estrelas douradas – nunca teve qualquer atitude de subserviência para com o Poder Político nem permitiu que este maltratasse as Forças Armadas e os militares.

O “Pencas” – nome derivado do nariz saliente que adornava a sua face e faria as delícias de qualquer caricaturista – como era tratado pelo pessoal com um misto de respeito, temor reverencial e praxis militar, nunca deixava os créditos por mãos alheias.

O País deve-lhe muito pelo seu papel na arrancada do 25 de Novembro de 1975 e na contenção da escabrosa deriva comuno/anarquista para onde o “PREC” estava a empurrar e a desgraçar a Nação, que restava.1

E é pena que o papel da FA (enfim, a parte que se manteve sã), não seja considerado devidamente na importância que teve durante aqueles trágicos eventos.

Andei, porém, enganado durante muitos anos ao afirmar que o “nosso general” tinha deixado obra para 20 anos. Felizmente que emendei a mão há algum tempo e passei a dobrar aquele número.

1 “PREC” – *Processo Revolucionário em curso (período que dista do 11/3/7 até ao 25/11/75)*.

Arrisco-me até a dizer que se não fosse a imensidão da sua obra – equiparável talvez e apenas à do “nosso pai” General Costa Macedo e do então TCor Kaúlza de Arriaga – a FA possivelmente já não existiria hoje.

Ao mesmo tempo que fez frente a apetências do Exército e Marinha que se levadas a termo teriam mutilado a FA irreversivelmente.

Como muito bem disse o Capelão – Chefe na sua notável homilia, o General Lemos Ferreira pensava em grande e via para além do horizonte...

E fez tudo isto mantendo a sua família unida.

Elaboremos apenas sobre alguns aspectos da verdadeira revolução hercúlea operada na FA, tendo por pano de fundo o estado caótico em que a FA emergiu do PREC (aliás como os restantes Ramos e todo o país):

- Foi necessário começar por se sanear as fileiras, repor a hierarquia, a disciplina e retomar a vida normal da estrutura das unidades;
- Retomar o recrutamento, selecção e a instrução das tropas;
- Reorganizou-se toda a estrutura superior da FA e das bases aéreas;
- Introduziram-se novos métodos de trabalho e gestão nomeadamente nas áreas do pessoal e da logística;
- Refez-se do zero toda a legislação para o que se elaboraram cerca de 400 Regulamentos, Manuais e Determinações, o que durou muitos anos e é uma tarefa nunca terminada;
- Refez-se todo o treino e preparação para os novos cenários de actuação e integração na doutrina da OTAN, bem como ao aproveitar dos respectivos programas, o que se fez numa escala nunca vista. Passou também a enviar-se pessoal para fazerem parte das estruturas da OTAN, prática que tinha sido praticamente interrompida com a guerra em África;
- Racionalizou-se o dispositivo de que se destaca a concentração na área de Lisboa, de todas as unidades e órgãos em apenas três locais: Monsanto, Alfragide e Lumiar;
- Lançou-se um grande volume de obras para a construção de um Estado - Maior modelar, um Hospital moderno e uma sala com acústica adequada para a Banda de Música;

· Foi construída a Academia da Força Aérea que é hoje possivelmente o melhor campus universitário do País (Vamos arrancar nem que seja em tendas&)

· Remodelou-se a Capelania- Mor e adquiriu-se uma Igreja para ser a Igreja da FA;

· Modernizou-se o Instituto de Altos Estudos da FA, em Sintra;

· Obteve-se verbas para fazer obras em todas as unidades, nomeadamente Bases Aéreas, que estavam muito degradadas devido às prioridades terem estado concentradas no Ultramar, derivado da guerra de guerrilha fomentada contra Portugal e que durou 14 longos anos;

- Lançou-se, em 1978 (creio) um enorme projecto talvez o maior existente em Portugal na altura, o SICCAP Sistema Integrado de Comando e Controlo Aéreo Português, que constituiu a base para a remodelação de todo o Sistema de Defesa Aérea Nacional e foi financiado maioritariamente pela OTAN.

- Este programa tinha três fases e levou mais de 20 anos a implementar (infelizmente dadas as restrições financeiras, em pessoal e outras, está hoje em dia a ser desconjuntado de forma lenta).

- A primeira fase era composta de um centro blindado e subterrâneo de comando e controlo, em Monsanto; um centro de comando secundário em Montejunto; três esquadras de radares em Paços de Ferreira, Montejunto e Foia e sistemas modernos de comunicações; a segunda fase que contemplava o Arquipélago da Madeira ficou concluída à relativamente pouco tempo e consta de uma estação radar no Pico do Areeiro, integrado com o Continente.

- A terceira fase alargava-se ao Arquipélago dos Açores agora com dois radares em Santa Maria e Lages. Esta fase foi cancelada após a queda do Muro de Berlim, em 1989, por a OTAN ter retirado os fundos previstos por entender que a ameaça não o justificava. Sem estes fundos não houve vontade política de prosseguir a obra só com verbas nacionais. O sistema de armas F-16, que tornava operacional e efectivo, todo o sistema, só veio nos anos 90 (os primeiros chegaram em 18/7/94).

· Foi racionalizado e melhorado todo o sistema de armas existente (de 24 tipos de aeronaves, em 1974, por ex., passou-se para 12), fazendo o fase out de algumas, integração de outras que tinham sido compradas do anterior (caso do FTB e do Aviocar) e aquisição de novas, caso do C-130; do T-38, Falcon 20 e do A-7P. Este último foi adquirido em vez de um caça por faltarem 20 milhões de dólares e os mesmos não terem sido disponibilizados.

· Foi adquirido algum armamento moderno, como por exemplo mísseis Sidewinder L, Maverik e, mais tarde o Harpoon; bombas MK-82,83 e 84, BAP 100; foguetes CRV7, etc. (lembra-se que uma FA sem armamento é apenas um aeroclube muito caro!);

· Modernizou-se as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, aumentando as capacidades ao mesmo tempo que se conseguiu negociar novos contratos de reparação no estrangeiro;

· Houve especial cuidado na recuperação dos Paraquedistas, que eram muito queridos na FA, lançando-se as bases da sua completa reestruturação e reconversão para os cenários das ameaças convencionais, chegando-se ao ponto de se constituir uma brigada ligeira de paraquedistas com ampla autonomia dentro da estrutura superior do Ramo. Muito armamento e equipamento moderno foram adquiridos. Estou certo de que se o General Lemos Ferreira estivesse no activo, jamais o Corpo de Tropas Paraquedistas teria transitado para o Exército;

· Impulsionou a criação da Associação dos Especialistas da FA (1977) e da Associação da Força Aérea Portuguesa (1/7/83), inspiradas na Air Force Association dos EUA e cujo funcionamento representa o que verdadeiramente uma associação de militares deve representar (caso o Poder Político defenda devidamente a Instituição Militar e os militares o que não tem sido o caso);

· Em súplica todo se racionalizou, modernizou e reorganizou. Numerosos oficiais e sargentos foram ao estrangeiro actualizar-se e em pouco tempo a FA podia ombrear com lustre nos exercícios com forças aliadas.

· Como CEMGFA continuou a apoiar todo este desenvolvimento, agora alargado aos outros Ramos, tentou desenvolver a indústria de armamento nacional e alargou e modernizou o Campo de Tiro de Alcochete. Opôs-se sempre a que os outros Ramos possuíssem meios aéreos orgânicos, no que não conseguiu vencimento.

Muito ficou por dizer, mas pode-se seguramente afirmar sem receio de errar, que existe uma FA antes do General Lemos Ferreira e outra depois!

Quando terminou a sua carreira militar assumiu as de Presidente do Conselho de Gerência na Aeroportos e Navegação Aérea, em Novembro de 1989.

Entretanto em reconhecimento da sua carreira militar foi condecorado com a Grã- Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada, em 29 de Maio daquele ano, pelo Presidente da República, perante formatura de tropas. Como deve ser.

Mas a condecoração que mais quero evidenciar das 13 nacionais e 10 estrangeiras que recebeu, é a medalha de prata de Valor Militar com Palma, por ser uma medalha difícil de obter e ter sido em combate, na comissão que fez na Guiné, a partir de 1971, onde foi segundo comandante e comandante da Base Aérea 12 e comandante da Zona Aérea da Guiné e Cabo Verde.

Tinha ainda feito uma comissão no Estado da Índia, a partir de 1960, onde foi piloto dos Transportes Aéreos da Índia Portuguesa. Estado da Índia que a União Indiana nos arrebatou vilmente, em 18 de Dezembro de 1961.

Até ao fim da vida o General Lemos Ferreira manteve-se sempre activo e interventor cívico.

É certo que Lemos Ferreira não fez tudo sozinho - felizmente que a Força Aérea tem tido sempre ao seu serviço uma plêiade de bons oficiais que depois originam bons sargentos e bons especialistas, praças e civis - mas teve o mérito e o condão de os saber escolher, promover e liderar no cumprimento da sua Missão primária: voar e lutar, na defesa do espaço aéreo nacional e na cooperação com as forças terrestres e navais!

A chefia da FA fez-lhe uma homenagem alargada em 23 de Junho de 2017.

E poderia ter sido mais alargada.

A FA teve a felicidade de ter o Homem certo na altura certa, cumprindo-se o dito de Ortega y Gasset, mas que Lemos Ferreira teve o saber e a visão de bem aproveitar.

E hoje apesar de estar de luto deve estar orgulhosa disso.

Por tudo o que deixo dito, bem fizeram as altas entidades presentes em deslocarem-se ao funeral, onde se destacam o Chefe da casa Militar do PR (o próprio estando fora do país enviou mensagem evocativa); o Ministro da Defesa, o CEMGFA e naturalmente quase todos os oficiais da FA no activo e muitos antigos Chefes de Estado – Maior. E não teria ficado mal ao Exército e Armada terem – se feito representar.

Infelizmente a comunicação social à excepção de um jornal diário, praticamente ignorou o evento.

É natural: o “actor” era branco, heterossexual, não tinha renegado o seu baptismo, não se drogava, não era cantor rock, nem estava ligado ao futebol e, “last but not the least”, era militar e patriota, podia lá ser notícia por boas razões?!

Ficámos apenas tristes por a família do general, certamente a pedido deste, ter dispensado as honras militares a ponto de a urna não estar sequer, coberta com a Bandeira Nacional.

É decisão que obviamente respeitamos, mas gostaríamos tivesse sido diferente, não só porque a elas (honras) tinha direito e as merecia, como serviriam de exemplo. É que, sem embargo das cerimónias fúnebres dizerem respeito sobretudo a quem parte, também servem aos que ficam.

É certo que hoje em dia é fácil aos bons portugueses andarem zangados com Portugal; pois Portugal é representado pelo seu Estado e o Estado há algumas décadas a esta parte, está longe de bem representar a Nação Portuguesa.

E a FA é já, actualmente, uma sombra daquilo a que ele aspirava.

Que o seu exemplo nos sirva para tocar a rebate.

O General Lemos Ferreira não teve uma boa vida, mas teve uma vida boa. Que Nossa Senhora do Ar, excelsa padroeira da Força Aérea, o guie pelas etéreas paragens do voo eterno.

*João José Brandão Ferreira  
Oficial Piloto Aviador (Ref.)*

# Nos 85 anos de Ramalho Eanes

Por Jorge Miranda

Portugal deve a Eanes, para além da afirmação democrática e do esforço de conscientização cívica, a recondução das Forças Armadas à sua função de defesa nacional, a atenção prestada tanto aos Açores e à Madeira como ao interior, muitas preocupações de solidariedade social, a renovação dos laços com os países africanos de língua oficial portuguesa.

1. Entre os protagonistas principais de defesa e de realização da democracia aberta em 25 de abril de 1974 – de democracia firmada nos direitos e liberdades fundamentais e no princípio de eleição pluralista dos titulares de poder político (conforme se dizia no Programa do MFA) – avulta António Ramalho Eanes. Escrevo por amizade (que não escondo) e pelo reconhecimento de alguém que acompanhou e viveu intensamente os anos de 1974 a 1981-82.

Defesa da democracia em 25 de novembro de 1975. Antes de mais, enquanto comandante operacional das forças militares que derrotaram o levantamento extremista em que culminaram o “verão quente” e o “outono escaldante” – infiltração partidária nas Forças Armadas, juramento de bandeira de punho erguido, domínio unilateral da comunicação social, desordem económica, tensões exacerbadas na vida política, discursos demagógicos, sequestro da Assembleia Constituinte.

Nos dias seguintes, com Melo Antunes, preocupação de que essa vitória não implicasse o banimento ou a ostracização dos vencidos, aparentes ou reais. Em democracia, todos têm lugar e o 25 de novembro não deveria converter-se em 11 de março ao contrário.

Nesta linha, Eanes seria o impulsionador da Lei n.º 17/75, de 26 de dezembro, em cuja base V se estabelecia que os elementos das Forças Armadas teriam de observar os objetivos da maioria do povo consignados na Constituição, não poderiam estar ao serviço de nenhum partido político e não poderiam aproveitar-se da sua arma, posto ou função para obrigar, ou mesmo influenciar, a escolha de uma determinada via política.

2. Em junho de 1976, acolhido como candidato à Presidência da República pelos partidos maioritários, ele disputaria a campanha eleitoral em igualdade com os demais candidatos, assumindo-se como cidadão como qualquer outro. Assim como, uma vez eleito, mostraria um completo desprendimento das remunerações materiais do cargo.

Presidente por inerência do Conselho da Revolução (que, de harmonia com a Plataforma de Acordo Constitucional de fevereiro de 1976, deveria subsistir até à primeira, e obrigatória, revisão constitucional), Eanes juntava em si a legitimidade democrática do voto e o que restava da legitimidade revolucionária patente no Conselho. A legitimidade democrática viria a prevalecer, pelo modo como exerceu a presidência, pela lucidez de quase todos os conselheiros, pelo desenvolvimento cívico dos Portugueses e pelo contexto europeu.

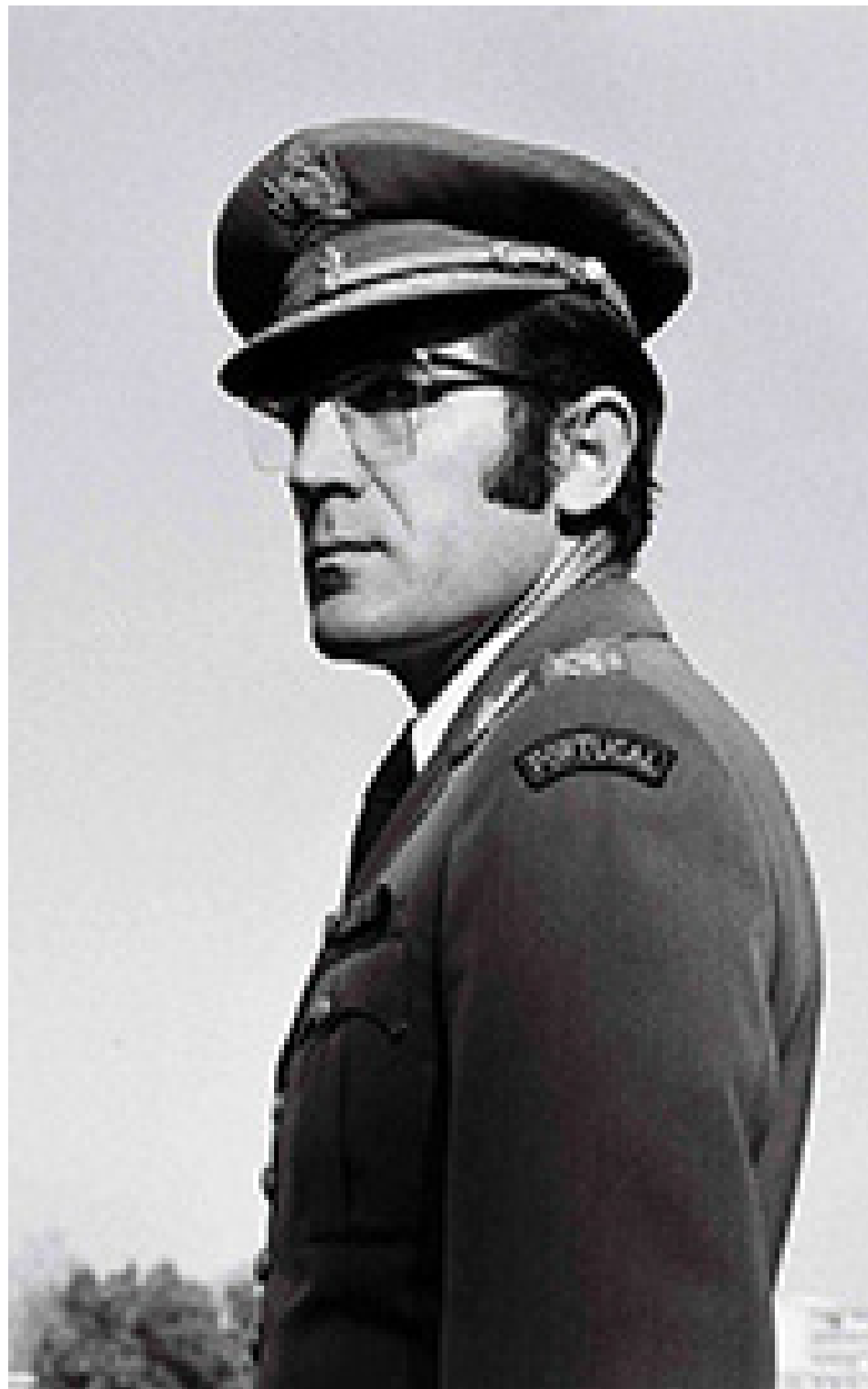
3. Entretanto, numa área política significativa (em 1980 com maioria de Governo), erguiam-se certas vozes contestando a Constituição e, por altura da nova eleição presidencial prevista para esse ano, chegando a preconizar a modificação das regras sobre revisão constantes do texto constitucional, e sustentando, para esse efeito, se necessário, o recurso a referendo.

Como a soberania reside no povo, este bem poderia derrogar a regra da maioria de dois terços do art. 287.º para serem aprovadas alterações à Constituição ou para se ultrapassarem os limites materiais do art. 290.º.

Era uma argumentação, porém, de evidente fraqueza jurídica, porque, no constitucionalismo, o próprio povo se encontra subordinado à Constituição. Não há democracia sem Estado de Direito. De resto, em quase todos os Estados compete ao Parlamento proceder às alterações à Constituição, pelo que nada tinham de exorbitantes as regras vindas de 1976 (e menos exigentes para a primeira revisão do que para as subsequentes).

Eanes sempre se afastou dessa proposta. Escrupuloso cumpridor da Constituição, não podia admitir uma revisão feita à sua margem. Com o resultado de 54% de votos, logo à primeira volta, o problema ficaria resolvido e a revisão constitucional decorreria normalmente em 1981 e 1982.

4. Por sinal, no entanto, não terá apreciado as alternativas no âmbito da organização do poder político e da fiscalização da constitucionalidade. Com toda a razão, quanto à concentração na Assembleia da República da designação dos



juizes do Tribunal Constitucional, sem se atender ao reforço de legitimidade que eles teriam se alguns fossem nomeados pelo Presidente, órgão também eletivo e independente dos partidos. Outras vezes sem razão: quanto ao sistema de governo.

No texto inicial da Constituição, o Governo respondia politicamente perante o Presidente e perante a Assembleia da República (art. 193.º). Em 1982, desapareceu o advérbio politicamente e, embora se continuasse a falar em responsabilidade perante ambos os órgãos (art. 190.º, hoje), a responsabilidade perante o Presidente da República passou a ser só institucional, traduzida, no limite, na demissão do Governo quando tal seja necessário para assegurar o regular funcionamento das instituições democráticas, ouvido o Conselho de Estado (art. 195.º, n.º 2), um órgão meramente consultivo (art. 145.º); e esse poder presidencial não tem nenhum controlo político, a não ser o do eleitorado em subsequentes eleições parlamentares. É uma solução que melhor se coaduna com o semipresidencialismo.

5. Os quase dez anos dos dois mandatos não foram fáceis, por causa de vários circunstancialismos políticos. Nem foram poucas as críticas e os ataques que lhe foram dirigidos por diversos setores partidários. Encarou essas críticas e ataques com serenidade.

Seja como for, Portugal deve a Eanes, para além da afirmação democrática e do esforço de conscientização cívica, a recondução das Forças Armadas à sua função de defesa nacional, a atenção prestada tanto aos Açores e à Madeira como ao interior, muitas preocupações de solidariedade social, a renovação dos laços com os países africanos de língua oficial portuguesa.

# HISTÓRIA DE PORTUGAL: Lenda da Batalha de Ourique onde D. Afonso Henriques teria sido aclamado Rei de Portugal

Por Mundo Português



A Batalha de Ourique é um episódio simbólico para a História de Portugal, pois conta-se que foi nela que D. Afonso Henriques foi pela primeira vez aclamado rei de Portugal, a 25 de Julho de 1139 depois de levar de vencida os exércitos dos cinco reis mouros

Foi no campo de Ourique que se defrontaram o exército cristão e os cinco reis mouros de Sevilha, Badajoz, Elvas, Évora e Beja e os seus guerreiros, que ocupavam o sul da península. A lenda conta que um pouco antes da batalha, D. Afonso Henriques foi visitado por um velho homem que o rei já tinha visto em sonhos e que lhe fez uma revelação profética de vitória. Contou-lhe ainda que “sem dúvida Ele pôs sobre vós e sobre a vossa geração os olhos da Sua Misericórdia, até à décima sexta descendência, na qual se diminuirá a sucessão. Mas nela, assim diminuída, Ele tornará a pôr os olhos e verá.” O rei deveria ainda, na noite seguinte, sair do acampamento sozinho logo que ouvisse a sineta da ermida onde o velho vivia, o que aconteceu. O rei foi surpreendido por um raio de luz que progressivamente iluminou tudo em seu redor, deixando-o distinguir aos poucos o Sinal da Cruz e Jesus Cristo crucificado. O rei emocionado ajoelhou-se e ouviu a voz do Senhor que lhe prometeu a vitória naquela e em outras batalhas: por intermédio do rei e dos seus descendentes, Deus fundaria o Seu império através do qual o Seu Nome seria levado às nações mais estranhas e que teria para o povo português grandes desígnios e tarefas. D. Afonso Henriques voltou confiante para o acampamento e, no dia seguinte, perante a coragem dos portugueses os mouros fugiram, sendo perseguidos e completamente dizimados. Conforme reza a lenda, D. Afonso Henriques decidiu que a bandeira portuguesa passaria a ter cinco escudos ou quinas em cruz representando os cinco reis vencidos e as cinco chagas de cristo, carregadas com os trinta dinheiros de Judas.

# Maestro português vence prémio internacional

MP



O maestro José Eduardo Gomes, que lecciona na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), do Politécnico do Porto, venceu o ‘European Union Conducting Competition’ (Competição de Maestros da União Europeia).

Além deste prémio, o maestro trouxe também para Portugal o troféu de melhor interpretação de Beethoven.

Nesta segunda edição da competição de direcção de orquestras que decorreu em Sófia, Bulgária, o maestro e docente português levou o primeiro prémio para o Porto e já foi felicitado pelo Presidente da República.

“A sua distinção, entre três centenas de candidatos, é motivo de justo regozijo para o meio musical português, tendo em vista também a sua internacionalização, que é já hoje um facto consagrado”, lê-se na página da Presidência da República. Após quatro rondas, José Eduardo José Eduardo Gomes foi seleccionado, por entre cerca de 300 maestros, para a final em que arrecadaria o primeiro prémio, em concerto no Conservatório Nacional de Música de Sófia. A completar o pódio estiveram Almanzar Sebastian, da Colômbia, e Zlatkov Svetlomisir, da Bulgária, informa a ESMAE numa nota enviada ao ‘Mundo Português’.

José Eduardo Gomes, nascido em 1983 na cidade de V. Nova de Famalicão, é maestro titular da Orquestra Clássica da Faculdade Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e professor na ESMAE, onde trabalha com as várias orquestras.

Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, entre 2016 e 2018, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, entre 2018 e 2019, maestro titular do Coro do Círculo Portuense de Ópera, no Porto, entre 2011 e 2017, e maestro principal da Orquestra Chambre de Carouge, na Suíça, de 2008 a 2011.

Estudou ainda clarinete na ESMAE, onde se licenciou na classe de António Saiote, prosseguindo estudos de Direcção de Orquestra na Haute École de Musique de Genève, Suíça, na classe de Laurent Gay.

Posteriormente estudou Direcção Coral na classe de Celso Antunes. Como instrumentista tem-se dedicado à música de câmara e apresenta-se regularmente com diversas formações em Portugal e no estrangeiro. O maestro dirige regularmente orquestras de jovens com as quais realiza um trabalho de formação de músicos.

14

**J Y M ARCHITECTURE**

Services & Plans D'Architecture  
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.  
Technologue en Architecture  
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com



ORDRE DES  
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS  
DU QUÉBEC

## Foram vocês que pediram uma sociedade socialista? /premium

Alberto Gonçalves

O PS já tinha sob a sua pata a quase totalidade dos “*media*”, a parte que interessa do “*empresariado*”, a banca, o universo sindical, a generalidade dos partidos. Agora subjugou o que restava da Justiça

Questionado sobre o questionário de Tancos, o dr. Costa foi claríssimo: “*Quando responder, responderei ó meu, óoo, óoo, ó tribunal e nó xhos jornalistas porque eu falo com as inxtuições e não com a comunicação sucinã, instexinã, eh social sobre temas que são inepegh, suitamente, xidamente sobre questões judiciais*”. Depois o dr. Costa ficou de trombas e voltou-se para o outro lado da sala, à espera de merecidos louvores.

O minúsculo episódio permite, como dizem as “*personalidades*” da televisão, várias leituras. A saber: 1) o dr. Costa não sabe falar português; 2) o dr. Costa não sabe português; 3) apesar da boçalidade gritante, fruto de uma vida exclusivamente dedicada à baixa intriga partidária, o dr. Costa lá arranjou maneira de chegar a primeiro-ministro; 4) ao contrário da vasta maioria dos seus compatriotas, o dr. Costa teve sorte ao nascer neste cantinho rústico e não num país a sério; 5) num país a sério, o dr. Costa teria dificuldade em vender couratos ou cachecóis à porta de um estádio; 6) os péssimos modos do dr. Costa para com os jornalistas são castigo insuficiente face à vassalagem da “*classe*” para com a sua desinteressantíssima pessoa; 7) a mera existência da pergunta em causa sugere que a domesticação dos “*media*” ainda não atingiu uma dimensão compatível com a ética humanista e republicana que orienta o PS e, logo, nos deve orientar a todos; 8) não prevejo um futuro profissional risonho à repórter que fez a pergunta; 9) o dr. Costa possui a impaciência dos régulos pequenitos, cuja prepotência varia de forma directamente proporcional à ignorância; 10) em vez de disfarçada, a impaciência dos régulos deve ser ostentada para inspirar o medo dos cépticos e reforçar o respeito dos lacaios; 11) o dr. Costa não “*falou com as inxtuições*”; 12) à semelhança do presidente da República, o dr. Costa fintou o dever do confronto directo com o juiz Carlos Alexandre e pediu à criadagem, paga por nós, que respondesse ao questionário por escrito; 13) se o dr. Costa falasse com as instituições, também seria provável que as instituições não percebessem uma palavra; 14) o dr. Costa mandou publicar as respostas ao questionário no “*site*” do governo, porque genuinamente julga que aquilo é dele, porque não tem qualquer respeito pelo segredo de justiça e porque não possui nenhuma noção de decência; 15) tamanha exibição de arrogância explica o empenho para enxotar Joana Marques Vidal na Procuradoria-geral da República, jovial artimanha que contou com o empenho do popular prof. Marcelo; 16) a propósito de Tancos e da dispensa do primeiro-ministro e do presidente das maçadas de um interrogatório a sério, a actual, e conveniente, sra. procuradora anunciou que “*a subordinação hierárquica dos magistrados do Ministério Público foi consagrada na Constituição da República Portuguesa logo em 1976*” e “*manifesta-se na exclusiva sujeição dos magistrados do Ministério Público às diretivas, ordens e instruções previstas no seu estatuto*”; 17) removido o entulho lexical, apura-se assaz simplesmente que os procuradores passam a fazer o que a sra. procuradora mandar, que será o que a mandarem fazer; 18) ao contrário do que li por aí, isto não significa que acabaram as investigações a políticos, e sim que as investigações ficam restritas aos políticos que o poder quiser investigar; 19) para enfeitar o panorama, a ordem é manter secretas, e sem rasto, as decisões acerca das investigações impedidas de avançar; 20) houve quem dissesse que a magistratura, transformada em bonequinhos amestrados, acabou de morrer; 21) em compensação, nasceu, arrancada a Ferros, Van Dunems, Costas, Marcelos et al, uma fofura grotesca chamada impunidade dos poderosos; 22) a impunidade não é nova, nova é a sua consagração oficial; 23) os optimistas imaginaram que a “*geringonça*” era apenas uma golpada para tomar de assalto uma ou duas legislaturas; 24) os realistas, raros e alvo de enxovalho público, perceberam que era uma golpada para tomar de assalto o Estado e o país, isto se as instâncias se distinguirem; 25) o PS já tinha sob a sua feia pata a quase totalidade dos “*media*”, a parte que interessa do famoso “*empresariado*”, a banca, o universo sindical e a generalidade dos partidos, que aproveitaram a votação do Orçamento para reconfirmar a sua imensa utilidade; 26) agora, perante curiosa indiferença, o PS subjugou o pouco que restava da Justiça; 27) isto, aliado à doçura do povo, permite tudo: primeiros-ministros que reagem a incómodos com asco ou sopapos, ministros que anseiam por pandemias para estimular as exportações de bifanas, ex-ministros que vêem fitas de Hollywood para decifrar fraudes que ocultam mal e porcamente, autarcas que obrigam ao registo das visitas recebidas pelos munícipes, e o muito de que não nos lembramos, que este quadro de demência e chacota não lembra a ninguém; 28) a única coisa que isto não permite é achar que habitamos um pedacinho do mundo civilizado; 29) se é discutível estarmos entregues a atrasados mentais, é garantido tratar-se de gente alucinada e daninha; 30) em finais de 2015, Portugal apressou o passo rumo a um lugar sombrio; 31) está cada vez mais escuro.

## O outro lado da ...Greta

Dizem, os investigadores e cientistas sérios, que a Terra tem tido alterações de todos os tipos e em todos os sentidos, ao longo de milhões de anos, quer na temperatura, quer nas formas dos mares e continentes, quer no nível das águas, enfim, a Terra é uma espécie de “*organismo vivo*” que não pára de mudar. Dizem que há períodos de alterações mais rápidas e outros em que elas são mais lentas. Dizem que a profundidades dessas alterações também variam. Isto é, a Terra está nesta nossa época a sofrer as suas permanentes alterações. Parece-me que estas afirmações nada têm de falso, nem de polémico e devem ser a base de toda a discussão.

E a primeira pergunta que se deve pôr, a quem se interessa seriamente por estas questões, é elementar: em que medida está a actividade do homem a provocar alterações?

É fácil afirmar, e não se poderá negar, que a actividade do homem provoca alterações. A questão é quantificá-las, ao menos relativamente aos outros factores que as provocam, sobretudo a actividade solar.

É aqui que bate o ponto.

E quem quiser discutir seriamente e com fundamento esta importantíssima questão tem de saber o que os cientistas e investigadores sérios têm provado, ou empiricamente constatado.

Já li relatórios técnicos de quem defende que a actividade humana apenas influi numa pequena percentagem e de quem afirma que essa actividade vai acabar com a vida no planeta em poucas décadas.

Pelo que vou lendo e por apresentações e discussões que se podem ver/ouvir na internet, parece-me que a razão está muito mais próxima dos primeiros do que dos segundos. Repito: “*parece-me*”. No entanto, analisando o que se tem passado nestes últimos tempos na sociedade, não tenho dúvidas: os segundos têm montado operações, devidamente publicitadas e super-divulgadas pelos órgãos de comunicação social, partindo do pressuposto que os segundos é que têm razão, lançando “*estrelas*” sem qualquer consistência, tecendo previsões catastróficas a curto prazo, lançando o medo, ou até o pânico, em nome da mudança de hábitos dos humanos.

Claro está que se os humanos melhorarem os hábitos, todo este frenesim tem as suas vantagens. Só que há dois pormenores que raramente afloram: 1º - o enormíssimo negócio que se montou - e continua a florescer - à custa do ambiente e das alterações climáticas e que, como negócio, apenas serve para que os poderosos e os espertalhões aumentem as suas fortunas; 2º - é sabido que é fácil dominar e manipular uma sociedade com medo e enquanto a rapaziada se preocupa com o “*fim do mundo*”, não pensa nas lutas a travar contra os reais problemas em que tropeça todos os dias.

Há uns anos, as garrafas, por exemplo as de cerveja, eram pagas quando as comprávamos com a cerveja dentro e, depois de vazias, recebíamos parte do seu valor se as devolvêssemos; hoje, pagamos as garrafas e depois vamos oferecê-las, com transporte incluído, ao chamado vidrão. Eu sei que o retorno das garrafas à fábrica e a sua lavagem têm custos ambientais. Bem, o transporte entre o vidrão e a fábrica de vidros, também tem. E fundir o vidro e criar novas garrafas, também tem. O que se diz para o vidro, passa-se com quase tudo que vamos dar a um qualquer “*ão*”, papelão, rolhão, pilhão. Desconheço o valor diário deste negócio, até num país pequeno como o nosso, mas é, certamente, muito, muito elevado.

Deixemo-nos de meias-palavras: se tudo isto não gerasse um lucro fabuloso - em euros, deixemo-nos de ambiente! - algum dia teria sido montado ente sistema de recolha? E quem fica com os lucros destes enormíssimos negócios? Se me disserem que vão para instituições de caridade... eu escangalho-me a rir, ainda que, em alguns casos, isso possa ser verdade.

A.D.

# France: Fumez de l'herbe, Tuez une Juive, Evitez un procès, Soyez relâché par la justice

par Guy Millière

Traduction du texte original: France: Smoke Grass, Kill a Jew, Skip the Trial, Go Free

«En France, les auteurs d'attaques antisémites utilisent l'argument de la folie pour échapper à la justice. L'utilisation de la maladie mentale comme moyen de défense se répand de plus en plus en matière de crimes de haine en France. Et cela semble fonctionner.» - Shirli Sitbon, Haaretz.



Un tribunal français a récemment statué que Kobili Traoré ne serait pas jugé pour avoir torturé et assassiné Sarah Halimi, une femme juive de 66 ans, affirmant que Traoré avait connu une «abolition temporaire du discernement» due à la consommation de marijuana. Francis Kalifat (photo), président du Conseil représentatif des institutions juives françaises, a fait remarquer qu'«un meurtre antisémite pourrait devenir le seul meurtre excusé par les tribunaux sur la base de l'usage de drogues, alors que dans tous les autres cas, les drogues sont un facteur aggravant» (Photo de Ludovic Marin / AFP via Getty Images)

Paris, le 4 avril 2017. Sarah Halimi, une femme juive de 66 ans, est jetée dans le vide depuis le balcon de son appartement du troisième étage. Son corps atterrit dans la cour de l'immeuble. Son meurtrier l'avait d'abord torturée. Les voisins avaient entendu des cris et appelé la police. Neuf policiers étaient venus, mais quand ils avaient entendu par la porte un homme crier «Allahu Akbar», ils s'étaient précipités en bas de l'escalier pour attendre des renforts. Lorsque Kobili Traoré s'est finalement rendu, il a dit: « J'ai tué le sheitan » (« Satan » «en arabe»). Tout en torturant sa victime, a-t-il ajouté, il avait récité des versets du Coran, qui lui avait «ordonné de tuer un Juif». Il a déclaré avoir passé la journée de la veille dans une mosquée voisine. Il a été placé immédiatement dans un établissement psychiatrique, où il a dit au médecin qui l'a examiné qu'il fumait de la marijuana.

Le meurtre a à peine été mentionné dans les journaux. Des organisations juives françaises ont parlé d'un «crime antisémite affligeant» et organisé une manifestation silencieuse devant le bâtiment où les faits

ont eu lieu. Ce n'est qu'à ce moment que des articles un peu plus amples traitant du meurtre ont été publiés. L'élection présidentielle française allait avoir lieu, et les journalistes des grands médias ne voulaient apparemment pas parler d'un meurtre antisémite commis par un musulman.

La juge assignée à l'affaire, Anne Ihuellou, a d'abord refusé de reconnaître que le meurtre avait une nature antisémite. Il a fallu plus de six mois aux avocats de la famille Halimi pour obtenir qu'elle finisse par l'admettre, le 27 février 2018.

La juge a également refusé d'organiser une reconstitution du meurtre, et n'a accepté d'interroger Traoré que brièvement. Elle a demandé une expertise psychiatrique, L'expert, Daniel Zagury, a déclaré qu'au moment de l'acte, le meurtrier était dans un état de «*délire aigu*» en raison de la consommation de cannabis, mais pleinement «*accessible à une sanction pénale*». Apparemment insatisfaite des conclusions de Daniel Zagury, la juge Ihuellou a demandé deux autres avis d'experts - qui, contredisant les conclusions de Daniel Zagury, ont déclaré, eux, que Traoré n'était pas apte à comparaître en justice.

Le 12 juillet 2019, la juge a rejeté le rapport de Daniel Zagury, a dit qu'il y avait «*des raisons plausibles de conclure que le meurtrier n'était pas pénalement responsable*» et a finalement déclaré que le meurtre n'était pas antisémite.

Réalisant que Traoré pourrait bientôt être libéré sans jugement, les avocats de la famille Halimi ont exigé que l'affaire soit immédiatement renvoyée devant une cour d'appel.

Rendant sa décision le 19 décembre, la cour d'appel a déclaré que Kobili Traoré avait «*volontairement tué*» Sarah Halimi et avait donc commis un meurtre. Elle a également reconnu la «*circonstance aggravante d'antisémitisme*», mais a ajouté qu'en raison d'une «*abolition temporaire du discernement*», le meurtrier était «*criminellement irresponsable*», ne pouvait pas être jugé et devait donc être libéré.

Le président du Conseil représentatif des institutions juives françaises (CRIF), Francis Kalifat, a fait remarquer qu'«*un meurtre antisémite pourrait devenir le seul meurtre excusé par les tribunaux sur la base de l'usage de drogues, alors que dans tous les autres cas, les drogues sont un facteur aggravant*».

L'un des avocats de la famille Halimi, Francis Szpiner, a déclaré qu'une «*jurisprudence Sarah Halimi*» a été créée: «*quiconque souffre d'une bouffée délirante en raison de l'utilisation de substances illicites et dangereuses sera exempté de toute responsabilité pénale*».

Un autre avocat de la famille de la victime, Gilles-William Goldnadel, a exprimé son «*dégoût*» et a déclaré que «*si la victime n'était pas juive et si le meurtrier n'était pas musulman, la décision aurait pu être différente*».

Le député Meyer Habib a dit que la décision du tribunal était un «*scandale judiciaire jamais vu en France*» et a ajouté qu'il y avait «*un désir évident de la part du système judiciaire français d'exonérer un meurtrier islamique antisémite*». «*Libérer un meurtrier antisémite sans procès envoie un signal horrible aux Juifs français*», a-t-il ajouté. Il a rappelé que dans un passé récent, Traoré avait été condamné plus de dix fois pour voies de fait violentes, et déclaré que si le système judiciaire avait fait son travail avant le meurtre de Sarah Halimi, le meurtre aurait été évité.

Un psychiatre, Claude Bloch, a noté que la décision pourrait «*permettre à quiconque éprouvant une haine féroce envers les Juifs de les assassiner en toute impunité*».

Le grand historien Georges Bensoussan a déclaré dans une interview au Figaro:



«... refuser le procès, c'est s'interdire de questionner un environnement pathogène,... une immigration qui n'a pas toujours été bien intégrée, voire qui, dans certains cas aujourd'hui, se désassimile sous l'effet d'un processus récent de réislamisation».

«... Un procès aurait éclairé ce délitement de la nation, il aurait questionné la frilosité des autorités qui n'ont pas donné à temps l'ordre d'intervenir, alors que le calvaire de cette femme a duré près d'une heure. Il aurait interrogé le silence des médias dans les jours qui ont suivi, et qui renvoyait les Juifs à leur solitude ancienne, celle qui fait de l'antisémitisme (plus de la moitié des actes racistes pour 0,7 % de la population) une affaire juive.»

«... Cette décision laisse l'impression qu'en haut lieu, on est prêt à sacrifier les plus fragiles pour sauver un semblant de paix sociale. Aux Juifs, elle indique la direction de la sortie. Et aux complotistes, qui fantasment nuit et jour sur le 'pouvoir juif', elle dit le vide dudit pouvoir. A fortiori dans un pays où 62 % de leurs compatriotes se disent 'indifférents' à leur départ.»

Le 5 janvier, des organisations juives françaises ont organisé des manifestations pour exiger que le pouvoir judiciaire revienne sur sa décision. Toutes les organisations politiques françaises sont restées silencieuses; aucune n'a rejoint les manifestations.

Les grands médias ont observé un silence presque total sur le sujet. Seuls les Juifs sont venus aux manifestations.

Le frère de Sarah Halimi, William Attal, s'adressant aux manifestants, place de la République à Paris, a expliqué en détail les souffrances de sa soeur. Il a cité le rapport d'autopsie: tous les os du visage de sa soeur ont été cassés, mandibule, maxillaire, os frontal, os nasaux, certains par un objet dur, et son corps a été perforé 22 fois. Il a dénoncé l'inaction de la police, la lâcheté des juges et le silence des médias. Il a rapporté des faits qui, jusque-là, n'avaient pas été révélés: l'un des policiers qui s'était rendu sur les lieux du crime n'est pas revenu en bas de l'escalier avec ses collègues. Bien qu'il ait été armé, il est resté derrière la porte sans bouger. Il a écouté silencieusement le meurtrier crier et la victime hurler de douleur.

La juge a refusé d'entendre le policier. Bien que Traoré ait déclaré aux psychiatres qu'il a appelé des gens au téléphone pendant qu'il torturait Sarah Halimi, la juge a également refusé de foire examiner le contenu de son téléphone. La mosquée fréquentée par le meurtrier était apparemment fréquentée par de nombreuses personnes qui sont allées pratiquer le djihad en Syrie.

Seuls les journaux et magazines juifs ont rapporté ce qu'Attal a dit. Dans une lettre ouverte, le grand rabbin de France, Haim Korsia, a demandé à la ministre de la Justice, Nicole Belloubet, d'intervenir, afin de ne pas « déposséder les citoyens d'un des droits les plus précieux qui soit en démocratie: celui de faire appel à la justice pour faire la lumière sur un déferlement de violence et de haine.» Il a précisé qu'il «s'astreint d'habitude à ne pas commenter les décisions de justice», mais a ajouté que dans ce cas, il y a «une grave rupture de confiance». Puis: «Devrait-on en déduire que tout individu drogué serait doté d'un permis de tuer les Juifs?»

Il est peu probable que Nicole Belloubet réponde. Des juges et des avocats ont immédiatement déclaré qu'ils étaient indignés par la lettre ouverte de Haim Korsia et ont affirmé qu'il voulait «saper l'indépendance de la justice». Philippe Bilger, un magistrat à la retraite très connu, a accusé Korsia d'«incitation à violer une règle fondamentale régissant l'organisation de nos pouvoirs».

Dans un article publié par Haaretz, Shirli Sitbon a écrit:

«En France, les auteurs d'attaques antisémites utilisent l'argument de la folie pour échapper à la justice. L'utilisation de la maladie

mentale comme moyen de défense se répand de plus en plus en matière de crimes de haine en France. Et cela semble fonctionner.» Elle a ajouté, citant des précédents, qu'une sinistre série a commencé avec le meurtre de Sébastien Sellam en 2003. Bien que le meurtrier de ce dernier, Adel Amastaibou, ait dit à la police «S'il est mort, je suis si heureux, ce p \*\*\* de juif, ce sale juif, il a été déclaré non responsable en raison de» troubles mentaux «.

En 2006, Ilan Halimi, un Juif français de 23 ans, a été enlevé, torturé pendant 24 jours, puis assassiné par un antisémite musulman Youssouf Fofana et le «gang de barbares» qu'il dirigeait. Ses souffrances, les tortures qu'il a subi, et sa mort, ont créé un énorme choc émotionnel en France. Sa mère, Ruth Halimi, a déclaré à la télévision: «Je veux que la mort de mon fils soit un signal d'alarme.» Il semble que le signal n'a pas été entendu.

D'autres morts ont suivi.

Moins d'un an après le meurtre de Sarah Halimi, le 23 mars 2018, une autre femme juive, Mireille Knoll, a été assassinée à Paris. Le principal suspect, Yacine Mihoud, a été accusé par son complice, Alex Carrimbacus, d'avoir poignardé sa victime en criant «Allahu Akbar», et en disant que «les Juifs ont de l'argent». «L'avocat de Mihoud a déclaré que son client n'était pas dans un état» normal «au moment du crime, et a ajouté qu'il ne s'agissait pas d'un meurtre antisémite. Il n'a pas expliqué comment Mihoud avait pu être assez conscient de ses actes pour, après avoir commis l'assassinat, se rendre dans l'appartement de sa mère et lui demander de laver le couteau qu'il avait utilisé pour tuer. (La mère de Mihoud est maintenant accusée de complicité de meurtre).

L'antisémitisme musulman a longtemps été ignoré en France. Le seul livre en français consacré au sujet - Enquête sur l'antisémitisme musulman: de ses origines à nos jours, de Philippe Simonnot - justifiait en fait l'antisémitisme musulman en affirmant que les Juifs vivant dans le monde musulman avaient soutenu les colonisateurs européens, et en ajoutant que les Juifs ont le tort de soutenir Israël, une « entreprise coloniale basée sur le vol de terres musulmanes». Un «manifeste contre le nouvel antisémitisme», rédigé par le journaliste Philippe Val, et signé par 250 hommes politiques, écrivains et artistes, a été publié dans Le Parisien le 21 avril 2018, moins d'un mois après le meurtre de Mireille Knoll. Peut-être poussé par un désir d'épargner l'islam et de ne pas dire clairement que les victimes de l'antisémitisme musulman sont les Juifs, Val a écrit: «L'antisémitisme musulman est la plus grande menace pour l'islam du 21e siècle».

Quelques jours plus tard, dans Le Monde, un texte signé par trente imams a été publié, disant que «l'islam n'est pas coupable» et que le problème vient «l'ignorance néfaste». Le texte ajoutait qu'il y avait une solution: «lire le Coran».

Depuis lors, rien n'a changé. Dans un livre récent, La France sans les Juifs, le sociologue Danny Trom analyse l'insécurité croissante subie par les Juifs en France, l'aveuglement volontaire des gouvernements successifs et des tribunaux, et le départ des Juifs, année après année: «La possibilité d'avoir à partir un jour est intégrée dans la perspective de chaque Juif, peu importe comment il se définit ou comment il se rapporte au sionisme. Les départs reflètent non seulement un sentiment d'insécurité grandissant et bien réel, mais aussi un sentiment de solitude et d'abandon face à l'adversité».

Dans un récent article du Figaro, Céline Pina écrit:

«Lorsque l'on tue au nom d'Allah, l'excuse du déséquilibre mental ne tient pas. S'il y a un point commun à tout ce sang qui ne cesse de ruisseler depuis 2012 et l'affaire Merah, c'est l'implantation des islamistes sur notre sol, leur réseau de mosquées, leur propagande par les livres, les antennes paraboliques, leurs discours et leurs représentations qui imprègnent certains quartiers et territoires, leurs manifestations de force, jamais empêchées... la situation n'est pas sous contrôle.»



# LIGA DOS COMBATENTES

## Passado, Presente e Futuro

[www.facebook.com/museucombatente.official](http://www.facebook.com/museucombatente.official)

<https://facebook.com/ligadoscombatentes.official>



### Marinha Portuguesa

## DA EXPOSIÇÃO A INAUGURAR NO MUSEU DO COMBATENTE, SOBRE NAVIOS

Num dos últimos números do abc falámos sobre o Engº Agostinho Cardoso, e por lapso houve um engano no nome, sendo o correcto Vitor, pelo que peço desculpa.

Mas a preparação da futura sala de exposições com o tema NAVIOS nacionais, alguns do séc. XIX e outros já do séc. XX continua mas nada nos impede de ir desvendando pormenores da mesma.

Escolhi pois para este apontamento o cruzador couraçado Vasco da Gama 1876-1936, modificado em 1901, escala do modelo 1:100, e o aviso de 2ª classe Pedro Nunes 1935-1976, escala do modelo 1:100

### COURAÇOADO VASCO DA GAMA

Construído nos estaleiro ingleses da Thames Iron Works, foi incorporado na Marinha Portuguesa como corveta-couraçada, à vela e a vapor, de 2.479 toneladas, em 1 de Fevereiro de 1876.

Em 1901 sofreu trabalhos de grande remodelação em Itália, ficando bastante diferente do original, passando a ser classificado como cruzador-couraçado.

Aliás das várias remodelações a sua missão principal era actuar como navio de defesa de costa, completando no mar as defesas de Lisboa, que eram asseguradas em terra pelas fortificações do Campo Entrincheirado de Lisboa.

Na Primeira Guerra Mundial serviu como escolta de comboios de transporte de tropas para África e França.

Em 1936 depois de uma longa vida de serviço em que chegou a ser o navio-chefe da Marinha Portuguesa, foi abatido ao serviço.

Parte da sua artilharia veio a guarnecer a Bateria de artilharia de costa do Monte da Guia e a Bateria da Espalamarca, na baía da Horta, ilha do Faial, Açores.

Características técnicas: 2.422 toneladas  
Dimensões: 60,96 de comprimento, 12,19 de boca, 5,79 de calado  
Artilharia: 2 peças de 203 mm, as maiores que a marinha portuguesa já teve, 1 peça de 150 mm, 1 peça de 105 mm, 2 metralhadoras.  
Propulsão: 2 máquinas a vapor de T.E. de 3.200 hp, 2 veios = 15,5 nós  
Guarnição: 59 marinheiros.

#### Características técnicas depois de 1901:

- Deslocamento: 3.030 toneladas;
- Couraça Máxima: 254 mm;
- Comprimento: 71,3 metros;
- Armamento: 2 peças de 203 mm, 1 peça de 150 mm, 1 peça de 76 mm, 8 peças de 47 mm e 2 metralhadoras de 6,5 mm;
- Propulsão: 2 motores de 6.000 hp de potência e 2 veios;
- Velocidade Máxima: 15,5 nós (28 km/h);
- Guarnição: 259.

O cruzador couraçado ou cruzador blindado corresponde a uma categoria intermédia de cruzadores cujo apogeu se limitou às décadas de 1890 e de 1900. O cruzador couraçado, além de estar dotado de blindagem para proteger os mesmos pontos que nos cruzadores protegidos, também estava dotado de proteção no casco que estava rodeado de uma cintura couraçada. A principal finalidade desta couraça adicional era a de proteger o navio de ataque de torpedos ou de impactos de projéteis de artilharia na zona da linha de flutuação. Em termos de funções, aos cruzadores couraçados estavam atribuídas, essencialmente, as mesmas que aos cruzadores protegidos.

### AVISO DA CLASSE PEDRO NUNES

A classe Pedro Nunes foi um modelo de avisos de 2ª classe ao serviço da Marinha Portuguesa.

Os navios da classe foram construídos no Arsenal de Marinha em Lisboa.

A construção dos navios esteve inserida no Programa Naval Português da década de 1930. Como avisos coloniais, os navios da classe foram projectados para operarem nos territórios do Império Colonial Português com a missão de defesa da soberania de Portugal.

No final da década de 1950 e início da de 1960, os navios foram transformados em navios hidrográficos tendo-lhes sido retirado algum do armamento.

O inicialmente NRP Infante D. Henrique, construído no Arsenal da Marinha - Lisboa – em 1935, rebaptizado Pedro Nunes ainda antes de ser lançado à água, foi lançado ao mar em 1935 e serviu entre 1935 e 1976, operando como navio hidrográfico entre 1959 e 1976, com o número de amura A528.

Estando baseado na Guiné Portuguesa, como navio hidrográfico, o Pedro Nunes no entanto ainda realizou aí algumas missões de combate, incluindo o apoio de fogo às tropas portuguesas envolvidas na Guerra do Ultramar.

Do tipo Aviso de 2ª classe, com deslocamento de 1.017 t (standard) e 1.217 t (máximo), tinha um comprimento de 70,5 mts, boca 10 mts e 3,1 mts de calado.

Com uma propulsão de 2 motores diesel MAN com 2 400 hp e 2 eixos, velocidade de 16 nós, armamento : 2 peças de 120 mm, 4 peças de 40 mm, 4 morteiros e 2 calhas de cargas de profundidade, navegava com uma tripulação / Equipagem de 139 homens.

A partir de 1945 quando a Segunda Guerra terminou, a Marinha Portuguesa retomou a tradição de manter regularmente uma unidade naval em Macau e normalmente, o aviso cumpria uma comissão de serviço de dois anos sendo depois substituído por outro navio, sendo que o aviso «Pedro Nunes» se encontrava em Macau no dia 3 de Maio de 1950, fundeado no Porto Interior.

(Fontes: osrikinhus.blogspot, José Godinho; da Revista dos Mares e Navios -Dieter Dellinger - ex-redactor da Revista de Marinha, wikipédia).

*Isabel martins, marketing do Museu do Combatente, 8 de Fevereiro de 2020.*



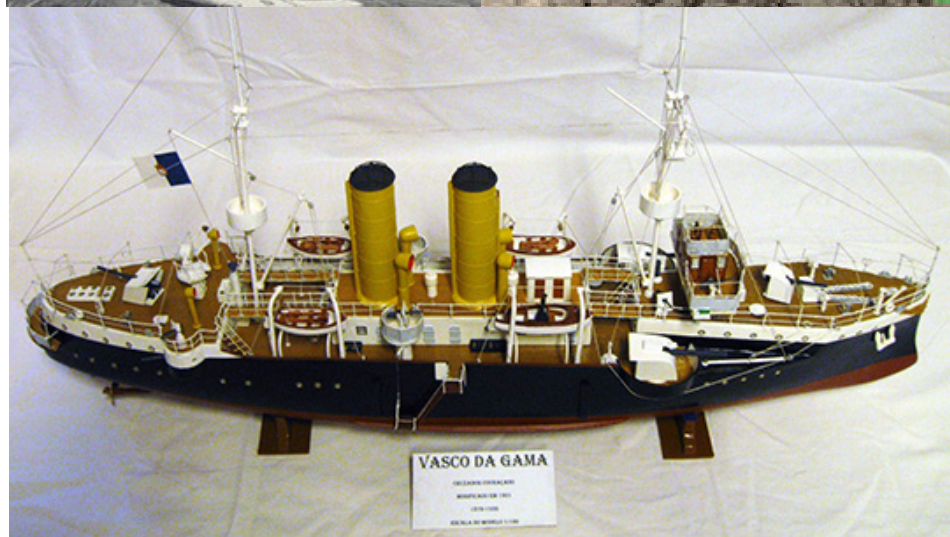
Aviso 2ª Classe Pedro Nunes (1933-1959)



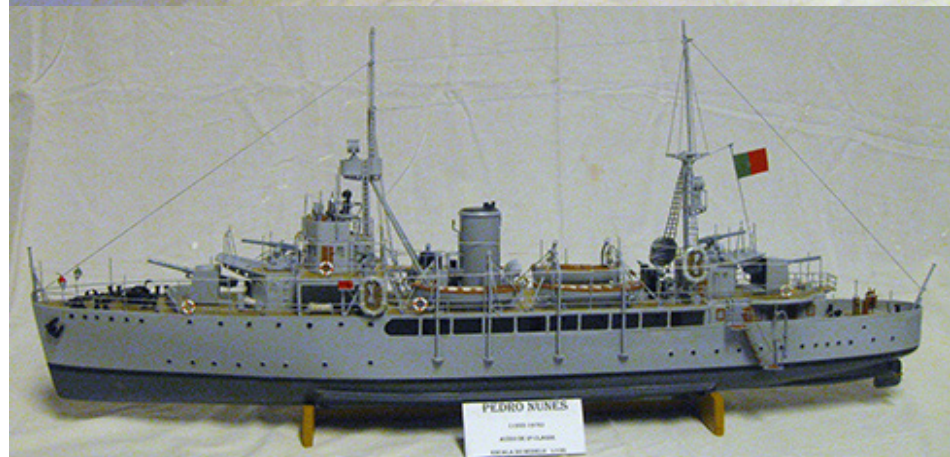
Interior do Reduto e peças Krupp do Couraçado Vasco da Gama



Couraçado Vasco da Gama em França



VASCO DA GAMA  
CORVETA COURAÇADA  
BAPTIZADA EM 1935  
1935-1959  
NÚMERO DE AMURA A528



PEDRO NUNES  
1935-1976  
NÚMERO DE AMURA A528  
NÚMERO DE IDENTIFICAÇÃO 1000

# ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DE JOÃO RODRIGUES CABRILHO



Por João Soares Tavares

3 de Janeiro de 2020! Que tem de especial? Para a generalidade das pessoas nada terá. Quem se iria lembrar que há 477 anos, a 3 de Janeiro de 1543 numa ilha do Pacífico o descobridor da Costa da Califórnia terminava os seus dias. Refiro-me obviamente ao barrosão **João Rodrigues Cabrilho**.



Fig. 2 – Cruz de Pedra em homenagem a João Rodrigues Cabrilho na ilha de San Miguel no Pacífico, in “João Rodrigues Cabrilho um Homem do Barroso?”, de João Soares Tavares, C.M.M., 1998.

pinteressados na História do português navegador do século XVI. Ir vê-la na ilha é impossível, ou quase, só mediante uma autorização dos responsáveis pela reserva ecológica.

Honra é merecida ao Estado da Califórnia. Em 1935 instituiu oficialmente o dia 28 de Setembro – em referência ao dia 28 de Setembro de 1542 quando o navegador avistou pela primeira vez a baía que baptizou San Miguel, rebaptizada posteriormente San Diego (outra falha de memória dos espanhóis) –

preservando com essa decisão (Resolução nº 15 do Senado, Legislatura da Califórnia, 1935) a data do descobrimento da costa daquele território pelo navegador português. A 28 de Setembro de cada ano é homenageado honrosamente com festividades lúdicas e culturais na cidade de San Diego.

Portugal pouco fez para homenagear o herói navegador. Outra falha de memória. Esta dos portugueses.

Para quando a grande homenagem que Portugal deve a João Rodrigues Cabrilho?

Talvez os deuses das montanhas, nomeadamente o deus Larouco que escolheu para sua morada a serra em frente de Montalegre, recordem o notável barrosão e, como já aconteceu em 3 de Janeiro de anos anteriores, envolvam a estátua de Cabrilho edificada na praça principal da vila (Fig. 3) com um manto de neve, substituindo as rosas brancas que os homens teimam em negar-lhe.

NOTA:

- (1) Vinculada na “Relación del descubrimiento q hizo Juan Rodriguez navegando por la contra-costa del Mar del Sul al Norte” de Juan Paéz, Archivo General de las Indias, Sevilla,

Coleccion de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonizacion de las posesiones españolas en América y Oceanía.

(João Soares Tavares escreve de acordo com a antiga ortografia)

In “Ecos de Barroso” de 06.01.2020)



Fig. 1 – Gravura representando o falecimento de João Rodrigues Cabrilho, in “The Western Explorer”, Vol. V, nº 2 and 3, Cabrilho Historical Association, San Diego, Califórnia, September, 1968, documento facultado em 1994 pelo Sr. Cônsul de Portugal em San Francisco, U.S.A., ao signatário.

Para os esquecidos recorde: a frota comandada por João Rodrigues Cabrilho iniciou a viagem de descobrimento da Costa da Califórnia em 27 de Junho de 1542. Zarpou de um porto mexicano do Pacífico – *Juan Gallego ou Navidad* – e atingiu os 40º de latitude norte, mas, Cabrilho não regressou. Quando a tripulação invernava numa ilha do Pacífico denominada Posesión, o comandante morre a 3 de Janeiro de 1543, cerca de 6 meses após o início da viagem. (Fig. 1) Como causa da morte é referenciada uma fractura num braço resultante da queda que dera nessa mesma ilha quando aí desembarcou pela primeira vez, agravada pelas más condições da viagem. Todavia, aguentou dois meses e meio fisicamente débil, num estado doloroso que se imagina.

Aquela ilha serviu de jazida a Cabrilho. Os companheiros quiseram homenagear o comandante baptizando a ilha com o seu nome: “**Ilha João Rodrigues**”.

Depois, outros homens esqueceram essa decisão. (1) Actualmente designa-se ilha de San Miguel. Em Espanha, – a frota navegava com bandeira espanhola –, a memória dos homens também é curta.

Todavia, nem tudo se perdeu. Há quem recorde Cabrilho. Em 1937, portanto, há 83 anos, um grupo de portugueses e luso-americanos, conseguiu autorização do governo dos Estados Unidos para erguer nessa ilha – presentemente reserva ecológica – uma cruz de pedra em memória do notável descobridor. É um monumento singelo, mas grandioso pelo significado. Aqui se reproduz na para